



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
FUNDAÇÃO instituída nos termos da Lei nº 5.152 de 21/10/1966
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

MARIA ISABELLE RODRIGUES FERNANDES

LEITURA, BIBLIOTECA E EMPODERAMENTO FEMININO:

Análise sobre a ação bibliotecária em bibliotecas públicas na formação de leitoras da cidade de São Luís/MA

São Luís

2023

MARIA ISABELLE RODRIGUES FERNANDES

LEITURA, BIBLIOTECA E EMPODERAMENTO FEMININO:

Análise sobre a ação bibliotecária em bibliotecas públicas na formação de leitoras da cidade de São Luís/MA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Mary Ferreira.

São Luís

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Fernandes, Maria Isabelle Rodrigues.

LEITURA, BIBLIOTECA E EMPODERAMENTO FEMININO : Análise sobre a ação bibliotecária em bibliotecas públicas na formação de leitoras da cidade de São Luís/MA / Maria Isabelle Rodrigues Fernandes. - 2023.

59 p.

Orientador(a): Maria Mary Ferreira.

Monografia (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Biblioteca. 2. Empoderamento feminino. 3. Leitura. 4. Literatura feminina. I. Ferreira, Maria Mary. II. Título.

MARIA ISABELLE RODRIGUES FERNANDES

LEITURA, BIBLIOTECA E EMPODERAMENTO FEMININO:

Análise sobre a ação bibliotecária em bibliotecas públicas na formação de leitoras da cidade de São Luís/MA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Mary Ferreira.

Aprovada em: __/__/____

Banca examinadora

Profa. Dra. Maria Mary Ferreira (Orientadora)

Doutora em Ciência da Informação

Departamento de Biblioteconomia- UFMA

Profa. Dra. Leoneide Maria de Brito Martins (Examinadora)

Doutora em Ciência da Informação

Departamento de Biblioteconomia- UFMA

Profa. Ma. Maria Clea Nunes (Examinadora)

Mestra em Educação

Departamento de Biblioteconomia- UFMA

Ao meu filho Estevam, meu combustível diário.

Agradecimentos

Tudo é para honra e glória do Senhor, então não poderia deixar de agradecer-lo em primeiro lugar, por ter me permitido sonhar e concluir esse sonho, por ter me dado capacidade e coragem para seguir em frente todos os dias.

À minha mãe, Ivanoelia Coelho Rodrigues, por sempre acreditar em meus sonhos e me incentivar a ler desde muito pequena, por me apoiar e não medir esforços para me proporcionar o melhor. Mãe, essa vitória também é sua, eu te amo!

Ao meu esposo, Jhenysson Dennis Alves Fernandes, meu amigo e companheiro, pela paciência, cuidado, ajuda e incentivo. Você sempre acreditou em mim e nunca me deixou desistir, sempre me dizendo palavras positivas. Conseguimos, meu amor! Eu te amo muito, obrigada por tudo.

Ao meu filho, Estevam Rodrigues Fernandes, meu ponto de paz, minha razão de viver, minha bênção. Todas as vezes que eu estive cansada, seu olhar me regozijou novamente. Você é a minha maior realização desse ano tão feliz, eu te amo imensamente, meu filho, todo esforço é por você.

Ao meu irmão, José Leonilson Lopes Pacheco Filho, você é o melhor irmão do mundo, obrigada por todo apoio e amor durante a minha vida. Amo você!

Ao meu avô, Abmael Lima Rodrigues (*in memoriam*), como eu queria que você estivesse vivo para compartilharmos juntos todas as minhas conquistas... te amo e te levo no pensamento, obrigada por tudo.

Aos meus sogros, José de Ribamar Nogueira Fernandes e Maria Quintina Alves Fernandes, pelo apoio e ajuda. Gratidão!

Às minhas amigas de curso, Paula Marcélly Silva Martins e Hérika Dayane Ferreira Araújo, que maravilha dividir esse sonho e jornada com vocês, tudo se tornou ainda mais especial. Amo vocês, meninas.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Mary Ferreira, pelo auxílio e ensinamentos que foram essenciais na construção desse trabalho. Você realmente me orientou, me fez enxergar que posso ir além. Muito obrigada!

À UFMA, à banca examinadora composta pela Profa. Ma. Maria Cléa Nunes e pela Profa. Dra. Leoneide Maria de Brito Martins e a todos os professores do Departamento de Biblioteconomia, por serem essenciais na minha graduação. Vocês fizeram a diferença, gratidão.

“Se a leitura fosse a única atividade possível, isso seria suficiente para fazer a vida valer a pena”.

- Bell Hooks

RESUMO

Estudo sobre a autonomia feminina e como esta é trabalhada nas bibliotecas públicas de São Luís, visando a formação de leitoras. Objetiva analisar como as bibliotecárias têm se empenhado para socializar a temática do empoderamento feminino para chamar atenção das mulheres. Busca conhecer a origem do empoderamento feminino no seu aspecto histórico e social. Descreve como o empoderamento feminino influenciou a literatura feminina. Demonstra o protagonismo feminino na literatura e escrita. Verifica como as bibliotecas de São Luís têm promovido o incentivo ao empoderamento feminino através da literatura. Pesquisa caracterizada como qualitativa descritiva, empregando a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, realizada nas bibliotecas públicas Benedito Leite (estadual) e José Sarney (municipal) com questionários aplicados às bibliotecárias onde foi constatado que as bibliotecárias e biblioteca têm trabalhado para socializar a temática do empoderamento feminino, de forma tímida e sutil. Conclui que as Bibliotecas escolhidas para a pesquisa desenvolvem projetos e trabalhos como feiras, exposições e palestras com direcionamento às mulheres, contudo, não são exatamente para a formação de mulheres leitoras, mesmo que as ajude, instigando-as e ajudando-as a reconhecer sua autonomia. Almeja-se que esta pesquisa possa contribuir com o trabalho da pessoa bibliotecária, a fim de que estes desenvolvam novos projetos pensando no empoderamento feminino e deem continuidade com as propostas já existentes, com intuito de formar leitoras e que estas tenham suas identidades fortalecidas através da leitura e literatura feminina.

Palavras-chave: biblioteca; empoderamento feminino; leitura; literatura feminina; formação de leitoras.

ABSTRACT

A study on female autonomy and how it is dealt with in public libraries in São Luís, with a view to training female readers. It aims to analyze how librarians have worked to socialize the theme of female empowerment in order to draw women's attention to it. We sought to understand the origins of female empowerment in its historical and social aspects. It describes how female empowerment has influenced women's literature. It demonstrates female protagonism in literature and writing. It looked at how libraries in São Luís have encouraged female empowerment through literature. The research was characterized as qualitative and descriptive, using bibliographical research and field research, carried out in the Benedito Leite (state) and José Sarney (municipal) public libraries with questionnaires applied to the librarians, where it was found that the librarians and the library have worked to socialize the theme of female empowerment, in a timid and subtle way. It concludes that the libraries chosen for the research develop projects and work such as fairs, exhibitions and lectures aimed at women, however, they are not exactly for the formation of women readers, even if they help them, instigating them and helping them to recognize their autonomy. It is hoped that this research can contribute to the work of librarians, so that they can develop new projects with female empowerment in mind and continue with existing proposals, with the aim of training female readers and strengthening their identities through reading and women's literature.

Keywords: library; female empowerment; reading; women's literature; training readers.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LEITURA, LITERATURA E GÊNERO: existe uma literatura feminina	15
2.1	A invisibilidade das mulheres na história social	15
2.2	A sociedade e seu silêncio sobre a escrita feminina	18
2.3	Escritoras que marcam a escrita feminina no Brasil	20
3	GÊNERO, AUTONOMIA E EMPODERAMENTO DAS MULHERES ATRAVÉS DA LITERATURA: a influência da autonomia feminina na literatura	23
4	AS MULHERES E A ESCRITA LITERÁRIA	27
4.1	A mulher escritora e outros gêneros literários	27
4.2	Personagens femininas como protagonistas de obras literárias escritas por mulheres	30
5	CONTRIBUIÇÃO DAS BIBLIOTECAS PARA O EMPODERAMENTO FEMININO	34
5.1	Uma perspectiva histórica	34
5.2	O papel da pessoa bibliotecária na formação de leitores críticos	37
5.3	Ações culturais desenvolvidas pelas bibliotecas de São Luís para difusão da literatura (coleta e análise de dados)	38
5.3.1	Biblioteca Municipal José Sarney	39
5.3.2	Biblioteca Pública Benedito Leite	42
5.4	Uma proposta de intervenção	45
6	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICE A	57

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, o sexo feminino teve papel coadjuvante no desenvolvimento do mundo, uma vez que o protagonismo esteve na maior parte dos registros históricos com o sexo masculino. Essa assertiva pode ser evidenciada em praticamente em todas as áreas, a exemplo da Filosofia a qual se observa que durante a antiguidade e até meados do Século XIX somente filósofos homens tiveram seus livros registrados e publicados.

Assim também na Literatura por muito tempo as mulheres escreveram e publicaram suas obras no anonimato, sob pseudônimo, haja vista a proibição das mulheres de estudarem ou sequer aprenderem a ler, uma vez que esse direito era de inteiro domínio dos homens, as mulheres tinham como ofício apenas os afazeres do lar. Apesar disso, muitas mulheres conseguiram burlar a proibição e publicaram diversas obras, a exemplo de Maria Firmina dos Reis, que publicou seu primeiro romance, *Úrsula* (1859), sob pseudônimo “uma maranhense” (Costa, 2018).

Somente no século XX as mulheres passam a ser reconhecidas como escritoras e a ser requisitadas como tal. Autoras como Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti e outras foram algumas das mulheres que publicaram seus livros sob autoria, abrindo caminho para outras escritoras ao longo do século XX. Essas mulheres construíram grande ponte para o feminismo no Brasil através de sua coragem de enfrentar o sistema e de impulsionar a publicação feminina na literatura (Duarte, 2003).

O poder aquisitivo teve relevância para a mudança na educação feminina, visto que algumas mulheres que frequentavam as escolas eram de famílias mais abastadas financeiramente. Desse modo, mulheres pobres e/ou negras não tinham acesso à educação, o que dificultava ainda mais seu acesso na literatura e na escrita, tornando a educação, de certo modo, elitista.

O Modernismo trouxe consigo a importância da escrita feminina, abrindo portas para muitas mulheres escreverem e publicarem suas obras, o que durante muito tempo ficou a domínio dos homens, ao ponto de estes darem a palavra final sobre o que seria literatura ou não. Adentrando nas escolas, a grande maioria da literatura, que era e ainda é estudada, é de autores homens, como Machado de Assis, “apagando” uma gama de autoras mulheres, como Maria Firmina dos Reis. (Lacerda, 2023).

Atualmente o cenário está mudando, embora lentamente, de modo que o mercado editorial está abrindo espaço e dando vez à voz das mulheres, porém, ainda é dominado pelo sexo masculino, como afirma Lacerda (2023):

[...] a literatura contemporânea, principalmente aquela publicada por grandes editoras, é um espaço ainda dominado por homens brancos, héteros e de classe média ou alta. E o mesmo vale para personagens criados por esses escritores. Como esperar representatividade? Ou seja, as minorias não têm chegado às editoras maiores e, assim como na sociedade de modo amplo, têm sido excluídas. Dentre essas minorias estão as mulheres, e mais excluídas ainda são mulheres negras e indígenas.

Essa é uma questão tão relevante que séculos atrás muitas mulheres publicavam suas obras sob anonimato, usando pseudônimos para esconder suas verdadeiras identidades, caso contrário, não seriam levadas a sério e seus escritos acabariam rejeitados e esquecidos no fundo de uma gaveta, ou pior ainda: poderiam ter suas obras roubadas e publicadas por terceiros, apenas para obter vantagens e fama, caso a obra vendesse bastante.

Há ainda o preconceito enraizado na escrita feminina, o qual as mulheres que sabiam ler só poderiam consumir literatura romântica, o que era considerado apropriado para o sexo feminino, sendo considerado inapropriado o consumo de outros gêneros. Preconceitos desse tipo foram mais uma razão pela qual escritoras como as irmãs Brontë (*O morro dos ventos uivantes* e *Jane Eyre*) escreveram e publicaram seus livros sob o pseudônimo "Irmãos Bell". (Mulheres..., [20--?])

Partindo dessa discussão, ainda hoje o gênero romance é entendido como de "mulherzinha", termo machista e preconceituoso, tendo em vista que homens também leem romances e mulheres leem e escrevem outros gêneros literários, como é o caso de Agatha Christie, considerada a "mãe" do suspense e mistério na literatura. Outras escritoras como Anne Rice e Mary Shelley revolucionaram o mundo literário com suas escritas de terror e ficção científica, trazendo um novo olhar sob a escrita feminina.

Desse modo, com tantos acontecimentos e marcos na história da mulher leitora e escritora, o empoderamento feminino surge no século XIX para frisar a importância da autonomia feminina em todos os espaços, incluindo na literatura. O termo "empoderamento" aparece pela primeira vez em 1960, período do movimento hippie em que muito se falava de poder feminino. (Ferreira, 2017). Contudo, empoderamento feminino se difere de feminismo. Este último é um movimento político que propaga a igualdade de gênero em todas as esferas, enquanto o primeiro é sobre pensar

coletivamente sobre ações que possam fortalecer a igualdade de gênero. (Assis, 2017).

Apesar das mulheres viverem em uma sociedade marcada pelo patriarcado e machismo ao longo dos vários séculos, o empoderamento feminino ou autonomia feminina ainda é visto como dispensável inúmeras vezes, justificando o poder do homem sobre a mulher e as injustiças que estas sofrem em ambientes de casa, trabalho, igreja, etc., muitas vezes dificultando o acesso à informação dessas mulheres que se calam ou são silenciadas pelo homem e/ou pela sociedade. (Matia, 2018).

Importante salientar que a literatura feminina tem contribuído de forma inestimável para a formação de mentalidades livres e a mulher como protagonista e sujeito. Nesta perspectiva destaca-se, além das autoras mencionadas: Clarice Lispector, Adélia Prado, Nísia Floresta, Conceição Evaristo, Djamilia Ribeiro, entre outras; escritoras que transmitem autonomia em suas obras, além de simbolizar em personagens femininos a dissolução da submissão, subordinação e conformidade, evidenciando a força e determinação que se sobressaem.

Ademais, destaca-se que a leitura e a literatura são fontes de aprendizado, sendo fundamentais desde a infância, pois influenciam no desenvolvimento humano e na formação de caráter, construindo uma sociedade com pessoas mais evoluídas e pensando coletivamente de forma humanizada e respeitosa. Outrossim, a leitura é uma via para exploração do pensamento e das vivências do mundo, como expõe Zacarias (2017, p. 8): “Por meio dos livros é que conseguimos compreender melhor todo o mundo e a realidade circundante. É a ficção auxiliando na compreensão do real. Esta parceria faz com que a mente humana crie novos caminhos para o conhecimento.”

Diante disso, objetiva-se analisar como o empoderamento feminino é trabalhado nas bibliotecas públicas da cidade de São Luís/MA e quais projetos e abordagens estão sendo implementadas. A preocupação com essa problemática se justifica em virtude de as mulheres serem usuárias que frequentam regularmente as bibliotecas, necessário portanto analisar como essas mulheres leitoras têm sido atraídas para a biblioteca a fim de ler livros de autoria feminina, para que possam se reconhecer e ter autonomia sobre suas histórias.

Vale ressaltar que as bibliotecas, segundo Martins (2017 p. 175), são consideradas lugar de encontros, experiências e devem estar abertas à sociedade, e aos mais diversos tipos de informação. Sendo assim, a biblioteca deve ser inovadora, adaptando-se a novas condutas e condições, seguindo as transformações do mundo e da sociedade, para assim abranger a todas as camadas sociais, continuando a ser um espaço respeitoso, igualitário e acessível.

Assim, a autonomia feminina pode e deve ser explorada, com o intuito de fortalecer a identidade feminina através de literaturas que reflitam a emancipação das mulheres e estas possam tomar conhecimento acerca das conquistas femininas, para assim poderem conhecer novas referências que as estimulem a construir sua autonomia e possam conquistar aquilo que desejarem. Para que isso seja possível é necessário que a Biblioteca esteja equipada de acervo adequado e tenha um(a) profissional consciente de seu papel profissional e político, comprometido com o acesso ao livro e leitura, sendo mediador entre informação e usuário, desenvolvendo e aperfeiçoando a função do livro. (Ortega Y Gasset, 2006, p. 46)

Neste âmbito, a literatura tem papel importante e necessário, e deve ser trabalhado pelas bibliotecárias, a fim de que o público feminino se sinta atraído pela leitura de mulheres escritoras, com personagens e experiências reais e que estas mulheres possam sentir-se representadas e instigadas para ter total domínio de sua própria vivência e desafios, sabendo de seus valores e acreditando que são capazes de fazer o que quiserem.

A leitura como instrumento de empoderamento feminino é assunto para discussão desde a infância, quando começa a fase de aprendizado e descobertas. As crianças do sexo feminino são desde sempre influenciadas a ler contos de fadas em que a mulher deve ser salva por um príncipe, casar-se com ele e ter lindos filhos, quando poderiam estar sendo incentivadas à outras leituras¹, em que mostrassem a figura feminina como autossuficiente e peça principal de sua história, como o livro *Píppi Meialonga*, da autora Astrid Lindgren, que tem como protagonista uma menina órfã que vive sozinha e tem apenas a companhia de seus animais, por onde passa causa espanto por ser nada convencional. Assim, a representatividade é relevante,

¹ Atualmente já existem recontos da literatura infantil que trabalham com a temática do “desprincesamento”, que pretendem desconstruir a visão submissa da mulher e passa a colocá-la em evidência e protagonismo. A exemplo, o livro *Rapunzel*, da autora Bethan Woolvin, que trabalha o empoderamento feminino através da personagem principal, trazendo evidência ao empoderamento feminino (A vez... 2022).

tornando oportuno às mulheres de todas as idades o poder de serem incentivadas às mudanças positivas de seus futuros. (Pimenta, 2016, p. 31).

Desse modo, reitera-se que o tema proposto é significativo para a sociedade geral, com foco nas mulheres leitoras e visitantes das bibliotecas, fazendo-se necessário abordagem e análise para que se possa observar e concluir que trabalhos e projetos para chamar a atenção dessas mulheres estão sendo feitos, tendo em vista que mais mulheres informadas e conhecedoras de sua autonomia enfraquecem a sociedade patriarcal e machista. Além disso o estudo também buscou instigar bibliotecários sobre os estudos de gênero e sobre literaturas voltadas para o público feminino, como estratégias de emancipação, o que atualiza este profissional frente aos desafios da sociedade de construir caminhos que favoreça a igualdade de gênero.

A justificativa da escolha do tema se deu após uma reflexão da relevância para a discussão na sociedade, tendo em vista se tratar da autonomia feminina e como esta é trabalhada nas bibliotecas visando a formação de leitoras. Assim, este trabalho constituiu-se usando a pesquisa a nível descritivo, visto que se obtém os aspectos de uma coletividade ou grupo a partir da análise de dados coletados (Gil, 2008). Utilizou-se a abordagem qualitativa com natureza bibliográfica e de campo, aplicando o questionário (apêndice A) como técnica para compor esta pesquisa (Severino, 2007).

Por conseguinte, este trabalho está estruturado em seis seções, a primeira seção trata rapidamente sobre a temática do trabalho e como foi realizada a pesquisa. A segunda seção aborda sobre as dificuldades vividas pelas mulheres ao longo da história.

A terceira seção refere-se à influência do empoderamento feminino na literatura e através dela. Seguida da seção quatro, a qual apresenta as mulheres escritoras como protagonistas na literatura.

Já a quinta seção versa sobre a contribuição das bibliotecas públicas para o empoderamento feminino, expondo a perspectiva histórica e o papel da pessoa bibliotecária. A sexta e última seção trata das considerações finais, concluindo a pesquisa.

2 LEITURA, LITERATURA E GÊNERO: existe uma literatura feminina

Neste estudo é fundamental contextualizar e abordar sobre as dificuldades vividas pelas mulheres ao longo dos anos. Este tópico mostrará sobre as adversidades sofridas pelo gênero feminino. Se faz necessária a conscientização feminina, para entendimento do patriarcado como sistema de dominação dos homens sobre as mulheres e como ainda hoje é mantido na sociedade.

Pretende-se também neste item explicar sobre como a desigualdade entre os gêneros afetou a vida das mulheres e como isso se refletiu na escrita feminina, que ficou esquecida e em segundo plano durante muito tempo, ademais, visa explicitar sobre quais e como as escritoras deixam suas marcas na literatura brasileira.

2.1 A invisibilidade das mulheres na história social

Invisíveis e coadjuvantes durante muito tempo na sociedade, assim viveram as mulheres durante grande parte de sua existência, desde os primórdios da humanidade. O sexo feminino sofre e é atacado por ser considerado “o sexo frágil”, considerado o menos capaz e mais instável, quando na verdade o preconceito de uma sociedade machista e patriarcal enraizou todas essas inverdades, como afirma Beauvoir (1970, p. 81): “O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente.”

À sombra dos homens, sejam estes como pais, irmãos ou maridos, mulheres no mundo todo, ao longo dos vários séculos eram ensinadas desde muito cedo que o sexo feminino tem como função apenas servir, então estas se viram obrigadas a servir como senhoras do lar, ocupando-se da criação dos filhos, dos afazeres domésticos e de como ser esposa dedicada, ocultando e desfazendo-se de algum resquício de possibilidade de ser algo além disto tudo, como instigar o amadurecimento do intelecto:

[...] no tocante à educação das mulheres, o cultivo do entendimento é sempre subordinado à obtenção de algum dote físico mesmo quando o corpo, debilitado pelo confinamento e pelas falsas noções de modéstia, é impedido de alcançar a graça e beleza que membros relaxados e pouco desenvolvidos exibem. [...] na juventude, suas faculdades não são estimuladas pela emulação; e, por não contarem com estudos científicos sérios, a sagacidade natural que porventura tenham volta-se cedo demais para a vida e as boas maneiras (Wollstonecraft, 2016).

Confinadas à família e atuação nos afazeres domésticos, as mulheres eram caladas e oprimidas pelo sexo masculino, este que tinha domínio sobre a vida e corpo da mulher, fazendo até mesmo com que seus nomes e linhagens fossem esquecidos após o casamento, quando esposas perdiam os sobrenomes de solteira e passavam a ter apenas o sobrenome do marido, de modo que apenas a linhagem do cônjuge era perpetuada, desconsiderando os sobrenomes de batismo das mulheres (Falcão, 2019, p. 250).

Vivendo à base de estereótipos e submissão, o gênero feminino manteve-se coagido e temeroso, pois o homem tinha poder sobre suas vidas, ocasionando a expansão dos episódios de violência física e psicológica, assim também a dependência emocional e financeira, visto que as mulheres não tinham trabalho e ocupação que pudessem ser além de dona de casa, mãe e esposa, culminando estas atribuições como forma de felicidade e desejo (Silva; Álvares, 2020, p. 157).

Outro âmbito que trouxe discordância entre os gêneros foi o religioso, este que é considerado altamente sexista, visando sempre a castidade e pureza das mulheres, considerando-as o sexo subjugado.

A religião enquanto instituição social, assim como todo o modelo de sociedade é pautada no patriarcado, com isso, a virgindade das mulheres é superestimada e entendida como símbolo de virtude que agrada as leis divinas, ao mesmo tempo, existe uma demonização do corpo feminino e durante a Idade Média foi utilizada como pretexto para torturar e matar mulheres, no período histórico conhecido como Santa Inquisição (Silva; Álvares, 2020, p. 159).

Prematuramente é dito às meninas o que é e como ser mulher, mesmo que quem diga isso, na maioria das vezes, sejam os homens. Adichie (2014) afirma: “Perdemos muito tempo ensinando as meninas a se preocupar com o que os meninos pensam delas”. Desde cedo é ensinado ao sexo feminino como se vestir, como falar e como agir; desde cedo as mulheres aprendem como ser femininas e não ter “jeito de homem”, a ser o “sexo frágil”.

Mulheres no mundo todo quase sempre se viram às sombras do sexo masculino, nunca retratadas como heroínas e ocasionalmente tiveram seus nomes com grandes feitos na história. O sexo feminino não era instigado às reflexões acerca dos problemas diários, ou divergências mais complexas. Wollstonecraft (2016) declara: “O intelecto feminino tem sido frequentemente tratado com desprezo porque chega mais cedo à maturidade do que o masculino.”

Wollstonecraft (2016) enfatiza que as mulheres desde cedo são estimuladas a conquistar o gênero masculino, o conhecimento de outros assuntos e informações ficava para depois, fazendo com que muitas mulheres não soubessem nem acerca da sua própria sexualidade, descobrindo só depois do casamento do que gostavam e do que preferiam, resultando em casamentos infelizes inúmeras vezes, pois só após o matrimônio é que conheciam de fato seus maridos. A autora destaca ainda que “Na idade de dez ou onze anos, melhor, frequentemente mais cedo, as meninas começavam a ser coquete e falavam, sem ser repreendidas, em se estabelecer no mundo por meio do matrimônio.” (Wollstonecraft, 2016).

As diferenças entre os sexos, desde a educação quanto às atribuições, as relações de hierarquia e desigualdade cresceram ao longo dos anos, e como resultado de grande insatisfação por parte das mulheres, surgiram as reivindicações e movimentos que puderam trazer à luz a importância do gênero feminino nos mais diversos espaços. A reflexão sobre o desenvolvimento e curso da sociedade faz com que na década de 60 os primeiros movimentos feministas tenham início, visando promover igualdade de gênero em todas as esferas, com mesmos direitos, mesmos salários, empregos, entre outros.

Conforme as mudanças foram acontecendo, as mulheres passaram a refletir e buscar transformações em todos os âmbitos da sociedade, desde educação, religião e saúde, de modo a questionar ordens antes aceitas de forma submissa, Wollstonecraft (2016) salienta: “Fortaleça a mente feminina, expandindo-a, e haverá um fim à obediência cega.” Ao longo do século XX assuntos como virgindade, aborto e machismo ficaram cada vez mais fortes e passaram a ser discutidos, levando ao entendimento de mulheres gradativamente mais inconformadas e dispostas a mudarem suas realidades.

Posteriormente, o mercado de trabalho passou a aceitar e contratar mulheres em vários tipos de empregos. Contudo, a desigualdade era, e ainda é, um fator importante para questionar, pois nas entrevistas de emprego as mulheres são menos favorecidas do que os homens, tendo em vista que as primeiras são questionadas sobre a existência de filhos e marido, e ainda sobre gravidez, tendo assim a mão de obra desvalorizada (Álvares; Silva, 2020, p. 160).

Existe ainda um obstáculo entre tantos outros, a falta de sororidade entre as mulheres. Exemplo disso é no século XX havia mulheres que se denominavam

feministas, mas que, na verdade, tinham interesses políticos e totalmente contrários ao que o movimento pregava, aceitando e apoiando uma sociedade sexista e patriarcal. Conforme afirma Hooks (2018): “O pensamento e o comportamento sexistas são as ameaças, os inimigos. Enquanto mulheres assumirem a bandeira de políticas feministas sem abordar e transformar seu próprio sexismo, o movimento ficará prejudicado.”

A sociedade vem passando por diversas transformações, e, atualmente um crescente número de mulheres são conhecedoras de seus direitos, buscando conquistar a autonomia que outrora lhes fora negada, à procura de igualdade entre os gêneros em todas as esferas da sociedade. Beauvoir (1970, p. 85) expõe sobre as mulheres: “O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de se sujeitar a existência à vida e o homem à sua animalidade.”

2.2 A sociedade e seu silêncio sobre a escrita feminina

Existente desde a Antiguidade, a Literatura, antes oral e depois escrita, costumava ficar sob a perspectiva masculina, ofuscando o cenário e concepções femininas, deixando-as esquecidas. Quando participavam, haviam de ser como coadjuvantes, igualmente em quase todos os aspectos de suas vidas, em uma sociedade patriarcal, machista e sexista. (Tedeshi, 2016, p. 154).

Silenciadas e negadas à autonomia e à escrita, o gênero feminino continua sendo ocultado em suas perspectivas, sendo manipulado quanto ao domínio da escrita e da leitura. O patriarcado controlador esteve à frente por longos anos, garantindo o bloqueio à livre prática de pensar e escrever por parte das mulheres, deixando-as limitadas quanto à liberdade de escrita e do amadurecimento intelectual. (Tedeshi, 2016, p. 155).

A discrepância quanto aos direitos das mulheres era tamanha, mesmo após as mulheres passarem a ter direito de escrever obras literárias. Essa conquista, porém, vem sendo cerceada pelos preconceitos acerca da escrita feminina, contribuindo para que inúmeras mulheres escrevessem e publicassem livros sob pseudônimos, escondendo sua verdadeira identidade por medo de repreensões da sociedade machista de épocas passadas, a exemplo a autora Mary Ann Evans, que assinava como George Eliot.

Enfrentando muitos percalços ao longo dos anos, em meados do século XVIII as mulheres conseguiram publicar seus livros, mas apenas no século XIX é que se observou a intensa produção do gênero feminino na literatura, o que hoje se sabe das escritoras dos séculos citados, por muito tempo ficaram esquecidas na história, sufocadas na invisibilidade de uma sociedade sexista. (Castanheira, [20--?], p. 2).

Quando por fim as mulheres puderam dar início às publicações não veladas, as obras femininas começaram a ser deixadas de lado, visto que autores homens, em suas obras, descreviam seu cotidiano, não diferentemente as mulheres também o faziam, porém, este que era marcado por tarefas domésticas, deixando à parte assuntos mais “sérios”, como economia e política, tornando assim o conteúdo tedioso (Camargo; Oliveira, 2015, p. 331).

Descritas e retratadas sob a ótica masculina, muitas mulheres tiveram suas histórias contadas por homens, que quase sempre as viam de forma sexista e preconceituosa, até mesmo vil. A personagem Capitu, do livro Dom Casmurro (Machado de Assis), é um exemplo claro; a personagem é descrita como uma mulher cativante e sedutora, enquanto o leitor pode perceber que Bentinho é inseguro e ciumento. Deixando a incógnita ao leitor: Capitu traiu Bentinho ou não? Faz-se da imagem da mulher uma verdadeira sujeição, descrita pela visão machista do século XIX.

Quando se busca falar sobre os percalços sobre a escrita feminina, vê-se o trajeto de muitas mulheres que lutaram pelo fim do patriarcado, além de proporcionar discussões acerca dos papéis do homem e da mulher na sociedade. Escritoras como Mary Wollstonecraft, em seu livro “Reivindicações dos Direitos da Mulher” (tradução), Simone de Beauvoir, em “O segundo sexo”, representam mulheres que procuraram modificar suas realidades em uma sociedade sexista, abrindo caminho para o feminismo, que iria então abalar as hierarquias ligadas às diferenças sexuais (Camargo; Oliveira, 2015, p. 339).

Não obstante todas as dificuldades acerca da escrita feminina, criou-se ainda o preconceito quanto ao gênero literário que as mulheres deveriam escrever, sendo o romance o gênero “a cara” do sexo feminino. Ignoradas e tendo suas obras desconsideradas se escrevessem outros tipos de gêneros, as mulheres viveram por muito tempo sob essa máxima, dificultando ainda mais o processo de inserção das mulheres no mercado literário. Se quisessem escrever algo que não fosse romance,

as mulheres deveriam estar cientes que precisavam estar só inúmeras vezes, como mostra Woolf (2014): [...] “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção” [...].

Contudo, mesmo diante de todos os desafios e impasses acerca da escrita feminina, as mulheres conseguiram driblar os percalços que surgiam, desde o direito à escrita quanto ao que escrever, e o silêncio de uma sociedade machista e sexista foi abrindo espaço para o surgimento de vozes de mulheres fortes e confiantes sobre o que poderiam realizar, sobre a escrita, antes dominada pelo sexo masculino.

2.3 Escritoras que marcam a escrita feminina no Brasil

Não diferentemente de outros países, no Brasil, também houve mulheres que tiveram força e coragem de enfrentar um sistema patriarcal no âmbito da literatura, mulheres que mesmo diante de todas as dificuldades, encontraram na escrita a oportunidade de explorar uma sociedade marcada pelo machismo, visando focar nos mais diversos tipos de literatura, usando o cotidiano ao redor como inspiração e ponto de fuga de uma realidade feliz, melancólica ou miserável.

Nísia Floresta (1810-1885) é considerada a primeira feminista brasileira escritora, esteve à frente do seu tempo defendendo a educação científica para meninas. Também participou de campanhas abolicionistas e sempre defendendo os direitos das mulheres ao pensamento livre e de serem tratadas como criaturas sociais em uma sociedade machista (Matuoka, 2017).

Primeira maranhense e escritora de romance no Brasil, Maria Firmina dos Reis (1822-1917) rompeu barreiras e preconceitos, escreveu e publicou o romance abolicionista “Úrsula”, considerado um marco na literatura brasileira; tornou-se escritora crítica sobre o regime escravocrata. Foi a primeira mulher negra a ser aprovada em concurso público, em 1847 (Castro, 2022).

A escritora Júlia Lopes de Almeida (1863-1923) foi barrada ao tentar ocupar uma cadeira na ABL, pois segundo defensores, na academia de letras da França não era permitido a participação de mulheres, portanto a ABL deveria fazer igual, já que seguia o modelo francês. Júlia era defensora de ideias à frente do seu tempo, como a abolição da escravatura e o divórcio, sendo desacreditada e esquecida por muito tempo, mas tendo, atualmente, suas obras lidas nas universidades (Ragazzi, 2022).

Rachel de Queiroz (1910-2003), escritora aclamada, fez parte do período modernista de 1930, sua obra de maior alcance é “O quinze”, romance regionalista. Foi a primeira mulher eleita na ABL, em 1977, quando concorreu com o jurista Pontes de Miranda. Foi ativista do Partido Comunista e a primeira mulher a receber o prêmio Camões (Ragazzi, 2022).

Escritora de “Perto do coração selvagem”, seu romance de estreia, a jornalista Clarice Lispector (1920-1977) foi um divisor de águas na literatura brasileira, abrangendo diversas áreas do conhecimento com suas obras intimistas. Sua primeira obra foi considerada determinante na escrita feminina, rompendo as expectativas tradicionais e introduzindo uma nova perspectiva do gênero ficção (Castanheira, [20-?], p. 8).

A “dama da literatura brasileira”, Lygia Fagundes Telles (1918-2022) foi autora de inúmeras obras, sendo a mais conhecida “Ciranda de Pedra” (1954), obra transformada em novela veiculada pela Rede Globo com grande sucesso, é considerada o marco da maturidade da autora, chamando atenção por seu talento e originalidade na escrita. Lygia foi condecorada diversas vezes e ganhou vários prêmios literários, incluindo o Prêmio Jabuti e o Prêmio Camões. Ocupa a cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Letras, eleita em outubro de 1985. (Biografia, 2016).

Cecília Meireles (1901-1964) grande autora da literatura e da literatura infantil, foi a idealizadora da primeira biblioteca infantil do Brasil, no Rio de Janeiro. Escreveu muitos livros de poemas, se tornando um dos nomes mais famosos da literatura, marcando sua rica linguagem e temáticas admiráveis. Um ano após seu falecimento, recebeu o Prêmio Machado de Assis pela obra “Isto ou Aquilo” (Salvá, 2021).

Nascida em 1937, Marina Colasanti é escritora, artista plástica e jornalista, conta com mais de cinquenta livros publicados entre contos, crônicas, entre outros. Marina é sua própria ilustradora, desenvolvendo seu talento para as artes, além disso é tradutora de grandes obras, entre elas “Alice no país das maravilhas” do autor Lewis Carroll. Uma das autoras mais premiadas, possui diversos prêmios Jabutis e tornou-se hors-concours da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) (Biografia, [20-?]).

Escritora de literatura negro-brasileira, Conceição Evaristo (1946) é uma autora, poetisa e contista brasileira e exerce um papel fundamental na sociedade, sendo ativista dos movimentos de valorização de cultura negra; suas obras trazem a

vivência da opressão e homenageiam ancestrais mulheres, como forma de compartilhar lutas e dores vividas por elas, deixando em ênfase o protagonismo afrodescendente (Artur, 2022).

Adélia Prado (1935), é uma filósofa e escritora brasileira de poemas, considerada modernista, dona de grandes obras com aspectos que mexem com a feminilidade e o erotismo; considerada por revalorizar o feminino na literatura brasileira, escreve de forma simples e direta ao leitor. Além disso suas obras tratam de religião, amor e o feminino; concorreu e ganhou o Prêmio Jabuti em 1978, por sua obra “O coração disparado” (Quem..., 2022).

Além das autoras citadas, inúmeras outras fizeram e fazem a diferença na literatura brasileira, abrindo caminhos para outras escritoras e contribuindo com suas obras sobre diferentes temáticas, desde literatura infantil à adulta, da poesia à ficção, provando que todo o esforço para alcançar os direitos e liberdade de escrita das mulheres resultou em grandes talentos e obras riquíssimas, trazendo ainda mais visibilidade e reconhecimento à literatura brasileira.

3 GÊNERO, AUTONOMIA E EMPODERAMENTO DAS MULHERES ATRAVÉS DA LITERATURA: a influência da autonomia feminina na literatura

Na história da humanidade o gênero masculino esteve à frente do desenvolvimento e evolução desde a criação do mundo, com a figura de Adão sendo criado primeiro; a figura masculina de provedor, autoritário e possuidor do conhecimento. A exemplo disso é o evento conhecido como “caça às bruxas”, que não passou de perseguição às mulheres dos séculos XV ao XVIII em diversos países do mundo. Queimadas vivas em fogueiras, as “bruxas” eram acusadas de saberem determinadas práticas medicinais e/ou usarem seu conhecimento para curar doenças e epidemias, o que causava grande estardalhaço na população, visto que apenas os homens é que deviam ter o conhecimento para tal coisa. (Angelin, 2016).

A ideia de que o gênero feminino deve ser subordinado ao gênero masculino, que a mulher devia estar apenas atrelada aos afazeres domésticos e matrimoniais perdurou durante muito tempo na história da humanidade, contribuindo para o duradouro pensamento patriarcal, machista e sexista dos homens. Banalizar a participação das mulheres em segundo plano, dificultou o envolvimento feminino nas políticas, bem como nos mais diversos âmbitos. (Freitas, 2020, p. 207).

A literatura escrita por mulheres sempre existiu, porém, demorou muito para que fossem reconhecidas e propagadas para a sociedade, suprimindo muitas mulheres talentosas e ousadas. Enheduanna foi a primeira mulher no mundo a registrar palavras; viveu na Mesopotâmia e escreveu sobre deusas, mães, abuso sexual, entre outros assuntos. (Goldsmith, 2022). Com a evolução do mundo no geral, a escrita literária permitiu que o sexo feminino também pudesse estar presente como peças principais, sendo autoras e publicadoras de suas obras.

Escrever e assinar sob pseudônimos era comum em anos passados, visto que se fosse revelado que era de autoria feminina, as editoras perdiam o interesse em publicar as obras e estas acabavam sendo rejeitadas. A exemplo é a famosa romancista francesa, Amandine Lucile Aurore Dupin (1804-1876), que assinou com o pseudônimo George Sand suas obras polêmicas sobre adultério, romance e desejo feminino no casamento (Arevalo, [20–?]).

Após anos de lutas e reivindicações, o espaço na sociedade e literatura foi conquistado pelas mulheres, estas que precisaram adaptar-se e livrar-se de estereótipos antes impostos a elas, como visto nas obras “O cortiço” (Aluísio

Azevedo), “Anna Karenina” (Liev Tolstói), “A megera domada” (William Shakespeare), entre outras. O gênero feminino então obteve sua autonomia e (re)conquistou seu lugar de fala, (re)construindo uma sociedade antes extremamente patriarcal e misógina.

Contudo, ainda era difícil e trabalhoso desvincular-se dos padrões impostos pela sociedade patriarcal, que antes cultuava o sexo masculino e os colocavam em um pedestal. Woolf (2013) mostra como esse impasse afetava a escrita:

Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar. E se é assim na literatura, a profissão mais livre de todas para as mulheres, quem dirá nas novas profissões que agora vocês estão exercendo pela primeira vez?

Woolf escancara a problemática sociedade misógina que, ainda tão atual, afetava a vida das mulheres com o machismo enraizado desde os primórdios da construção do mundo, que naturalmente defende e favorece o crescimento dos homens, enquanto as mulheres necessitavam enfrentar o sistema patriarcal se quisessem ser livres para seguir suas profissões e carreiras.

Ativista e escritora Mary Wollstonecraft (1759-1797) deu início ao que se conhece como a primeira onda do feminismo, em Londres no século XVIII. A filósofa e escritora foi ousada e rompeu preconceitos ao escrever “Reivindicações dos Direitos da Mulher” (tradução), buscando mais igualdade aos gêneros sexuais nos diversos âmbitos da sociedade, foi defensora da Revolução Francesa, pois para Mary a educação era política (Cotter, 2023).

Mais tarde outras mulheres puderam usufruir de ensinamentos e afirmações de Wollstonecraft, quebrando expectativas e sendo ousadas na escrita, passando de meras espectadoras a autoras e protagonistas, tais como Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Jane Austen, Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, entre outras.

No Brasil, o rompimento de uma literatura, por muitas vezes sexista, escrita por homens, se dá com a publicação de “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis. A sociedade do século XIX desacostumada à escrita feminina é impactada com a temática imediata da escravidão, sendo de total importância naquele momento vivido de 1859, ano de lançamento do livro (Andrade, 2020).

Posteriormente a esse acontecimento, a literatura começou a ser espaço de diversidade de escrita feminina e de variados gêneros literários, sendo a mulher peça principal de suas obras, escritas e publicadas por elas mesmas, sem sentirem medo

e se esconderem sob pseudônimos a fim que pudessem evitar o preconceito e repúdio antes escancarados.

Inúmeras autoras deram início aos seus trabalhos na literatura, influenciadas e inspiradas na coragem e destemor de Maria Firmina dos Reis, resgatando suas forças e tendo autonomia na esfera da literatura, buscando mudanças e transformações quanto à sociedade leitora que antes era de maior público o gênero masculino, transformando a literatura e elevando-a a um novo paradigma.

Simone de Beauvoir (1908-1986) revolucionou o mundo quando publicou “O segundo sexo”, em 1949, obra feminista em que trata das condições sociais, políticas e sexuais das mulheres, sendo um divisor de águas para uma sociedade conservadora que determinava diversas restrições ao gênero feminino (O segundo..., 2019)

A valorização do gênero feminino no âmbito literário foi crucial para a libertação de estereótipos antes criados por escritores homens. As mulheres passaram de subjugadas a personagens de suas próprias histórias, traçando uma nova narrativa, mais intimista e particular, deixando em evidência características únicas da escrita pelo ponto de vista feminino (Esser, 2014).

Lutas passadas acerca dos direitos da mulher sobre a escrita transformaram também a forma com que os homens viam o sexo feminino, passando de mero objeto, a ser pensante e racional. Autores homens, como Machado de Assis, têm retratado mulheres sob sua ótica masculina há séculos. Woolf (2014) expõe sobre o fascínio do sexo masculino ao escrever sobre a mulher: “Vocês têm noção de quantos livros sobre mulheres são escritos no decorrer de um ano? Vocês têm noção de quantos são escritos por homens? Têm ciência de que vocês são talvez o animal mais debatido do universo?”

Há ainda o progresso quanto à literatura que trata sobre gênero, raça e sexualidade, que proporcionou a inúmeras mulheres o fortalecimento de suas escolhas, dando voz à mulheres negras, trans, lésbicas, entre outras, como a autora brasileira Gilka Machado, escandalizou e incomodou a sociedade em 1915, com seus poemas eróticos, visto que uma mulher escrever sobre sexo, naquela época, era considerado inadequado. (Uma pioneira..., 2018).

As mudanças na literatura por meio do gênero feminino influenciaram também o mercado editorial, este que passou a valorizar mais o espaço da mulher na escrita,

colaborando para que estas pudessem ser reconhecidas por seu talento e trabalho. Não somente na escrita, mas também na parte diretiva, agenciamento, entre outros cargos e funções que antes eram dominados pelo sexo masculino, hoje são marcados pela presença das mulheres (Muta, 2022).

Expandindo-se ainda mais, a influência feminina na literatura atingiu o desenvolvimento da literatura indígena, outrora esquecida, porém, hoje progride na inserção do mercado literário. Teles (2021) exterioriza esse avanço:

Escritoras indígenas também fazem literatura com a escrita marcada pelas experiências e saberes dos povos originários. Elas têm usado a língua materna e a língua portuguesa para se tornarem protagonistas de suas atividades literárias. Escritoras e escritores indígenas, de acordo com a Bibliografia das Publicações Indígenas do Brasil, representam 26 povos indígenas. Na realidade, são 305 povos e 274 línguas indígenas. [...] Auritha Tabajara, nascida em Ipueiras, no Ceará, em 1980. É considerada a primeira cordelista indígena do Brasil. Escreve contos, livros e cordéis em busca de “diálogos e desconstrução dos estereótipos vigentes na cultura brasileira sobre o corpo da mulher indígena, seu lugar no mundo, seus saberes tradicionais.

Outrossim, a influência feminina revolveu também as premiações, incluindo na categoria de literatura. A primeira mulher ganhadora do Prêmio Nobel de literatura foi a escritora sueca Selma Lagerlöf, em 1909, com seus romances históricos (Bermúdez, 2017). No Brasil, mais recentemente, o Prêmio Machado de Assis, da ABL, contemplou a escritora Marina Colasanti, em 2023 (Ferreira, 2023).

A autonomia feminina influenciou e continua influenciando até hoje a literatura, de modo a sempre progredir quanto as discussões e o que pode ser feito pelas mulheres, para que cada vez mais o gênero feminino seja ouvido e possa continuar a conquistar sem se submeter ao sexo masculino.

4 AS MULHERES E A ESCRITA LITERÁRIA

Com alto domínio dos homens sobre a literatura e a grande maioria dos gêneros literários, observa-se a existência de inúmeras autoras que escrevem com maestria obras literárias de destaque, aclamadas e com personagens femininas fortes e distintas, assim como as escritoras que as criam.

Portanto, pretende-se explicar como e quais gêneros literários e autoras fazem sucesso entre os leitores, inovando e se destacando entre outros autores homens, trazendo representatividade ao sexo feminino nas mais diversas obras literárias.

4.1 A mulher escritora e outros gêneros literários

É de conhecimento de grande parte das pessoas o quanto o gênero feminino foi proibido de fazer, falar e conhecer alguns assuntos na sociedade em geral, servindo ao sexo masculino durante boa parte do tempo no desenvolvimento do mundo. Não diferentemente a literatura foi um dos âmbitos afetados, visto que as mulheres não tiveram acesso à leitura e escrita, durante alguns séculos passados. Conforme afirma Lorenzetto (2016):

Somente no século XIX o livro se tornou comum para as mulheres. Foi, e continua sendo, sua maior arma para a conquista da liberdade, sua possibilidade de existência, de se lançar em novos horizontes. Entre a mulher e o livro estabeleceu-se uma aliança. Com ele, ela podia desejar e imaginar um mundo para si própria. Gesto um tanto ousado - e perigoso. Daí os homens desejarem impedi-la de ler ou controlar o que lia. Até o século XIX, os homens marginalizavam as mulheres que lia, rotulando-as de neuróticas e histéricas. Sobretudo as mulheres que lia "demais". A leitura permitiu que tomassem consciência do mundo. A leitura, esse ato tão íntimo, tão secreto, terminou por colocar a mulher para fora. Fora do núcleo familiar opressor. O vazio do mundo real foi tomado pela ficção.

Mary Wollstonecraft (1759-1797), pioneira do feminismo, foi uma das primeiras a lutar pelos direitos das mulheres no século XVIII e foi a primeira a publicar um livro, quase um documento, discutindo sobre a exclusão do gênero feminino nos mais diversos âmbitos, principalmente no acesso à educação. Foi a precursora de um importante movimento, colaborando para que o sexo feminino pudesse usufruir dos direitos básicos que lhes era negado, inspirando mulheres no mundo todo, incluindo a sua filha Mary Shelley, primeira autora de ficção científica.

Quando enfim as mulheres puderam obter o marco de leitura e escrita, tentando deixar para trás um passado de estereótipos machistas e sexistas, além de estarem tentando se encaixar no mundo das publicações livres e sem anonimato; então se

viram frente a um novo desafio, o de ler e escrever outros gêneros literários que não fossem apenas o considerado apropriado para o sexo feminino, tendo em vista ser o “sexo frágil”.

Seguindo a ótica de que as mulheres deveriam consumir apenas o que era mais adequado, para não corromper sua integridade moral, considerando bons modos e decência esperados do gênero feminino, ler e escrever romance parecia o ideal, até certo ponto. O gênero literário romance se tornou o mais lido pelas mulheres do século XIX, naturalmente sendo remetido ao sexo feminino, por ter a sensibilidade e a emoção como peças centrais; porém há ressalvas quanto a isto, visto que por se tratar de romance a mulher era em geral tratada como ser emocional e frívola esta poderia exaltar-se e criar desejos mundanos e proibidos provocado por paixões irreais (Dumont; Santo, 2007, p. 31).

Seguindo assim por muito tempo, cada vez mais mulheres consumiam o romance como única forma de sair de sua realidade e viver algo inesperado no mundo imaginário do amor e da paixão. Até então, qualquer outro gênero literário era considerado pertinente ao sexo masculino, o sexo “durão”, que não consome literatura romântica, emotiva, irracional. Contudo, sempre houve mulheres destemidas e fora do padrão que era esperado do sexo feminino, mulheres corajosas que não se renderam à sociedade predominantemente machista.

Como constantemente acontece na humanidade, a mulher esteve em segundo plano ou invisível durante grande parte dos séculos, sendo oprimida ou suprimida, não diferentemente no mundo das letras. Criado pelas mulheres e hoje dominado pelos homens, o gênero ficção/ ficção científica é um dos mais lidos atualmente, sendo composto por setenta e cinco por cento de homens como escritores (Lovell, [20–?]).

A escritora britânica Mary Shelley (1797-1851) foi a primeira mulher na história a escrever e publicar, sob anonimato, um livro de ficção científica, em 1818, a obra “Frankenstein”, que conta a vivência de um jovem estudante que cria um monstro em seu laboratório. A obra já ganhou diversas adaptações, até mesmo nos cinemas (Schreiner, 2022).

Shelley, assim como sua mãe, Mary Wollstonecraft, inspirou uma onda de outras mulheres a inovar na escrita, evidenciando o quanto as mulheres têm capacidade e conseguem escrever diferentes gêneros literários, não somente

romance; provando que o sexo feminino vai além da emoção, conseguindo também escrever sobre sexualidade, terror, imaginação, assassinato, entre outros.

Grandes nomes da ficção/ficção científica são mulheres, mesmo que estas estivessem ofuscadas algumas vezes pela esmagadora quantidade de homens presentes nesse gênero literário, contudo seu talento se sobressaiu e tornou com que fossem reconhecidas e tivessem suas obras prestigiadas no mundo todo. A exemplo: Octavia E. Butler (Kindred- Laços de Sangue), Ursula K. Le Guin (O Feiticeiro de Terramar), Margaret Atwood (O Conto da Aia), Virginia Woolf (Orlando), entre outras.

Quando Share Hite escreveu o primeiro livro sobre sexualidade, orgasmo e prazer feminino, despertou inúmeras mulheres para descobrir e explorar seus próprios desejos sexuais, suas preferências e assim a buscar obras que pudesse as estimular sexualmente. Desse modo, obras que tratassem de prazer, amor e sexo foram sendo consumidas até os dias de hoje, visto que ler obras eróticas ajudam mulheres a se conhecerem melhor, identificar seus gostos sexuais e se encontrar consigo mesmas, sem serem reprimidas (Mendes, 2019).

Muitos são os nomes das mulheres que escrevem contos e romances eróticos/hot, mas algumas são destaque por terem um grande público que as acompanha: E. L. James (Cinquenta Tons de Cinza), Sylvia Day (Toda Sua), Lisa Kleypas (Um Sedutor Sem Coração), Maya Banks (Obsessão), Megan Maxwell (Peça-me O Que Quiser), Audrey Carlan (A Garota Do Calendário), etc.

Outro gênero literário que se destaca pelo grande consumo pelo sexo feminino é o gênero fantasia, tendo como pioneira a escritora americana Gertrude Barrows Bennett, tendo publicado sob pseudônimo sua mais famosa obra, “As Cabeças do Cérbero e Outras Fantasias Sombrias”, quando foi oprimida pelo machismo do século XIX e precisou recorrer a ocultação de sua verdadeira identidade (Leite, 2023).

Donas de números avassaladores de vendas, grandes autoras têm sido bastante evidenciadas nos últimos anos, tendo em vista seus livros famosos ganhando cada vez mais fãs e leitores ao redor do mundo: J. K. Rowling (Harry Potter), Stephenie Meyer (Crepúsculo), Sara J. Maas (ACOTAR), Holy Blake (O Príncipe Cruel), Jennifer L. Armentrout (De Sangue e Cinzas), Lauren Kate (Fallen), e muitas outras.

Ainda há a desigualdade quanto ao reconhecimento das mulheres ao escrever gêneros literários considerados masculinos, contudo é importante ressaltar que mais

uma vez o sexo feminino provou que é capaz de se desprender das amarras de uma sociedade machista, tendo ousadia e coragem para seguir, suprimindo as reprimendas e as dificuldades, além de inovar e reconhecer seu talento para criar e se reinventar no mundo literário, ultrapassando barreiras antes impostas às mulheres.

4.2 Personagens femininas como protagonistas de obras literárias escritas por mulheres

Durante muitos anos o gênero feminino foi discutido, debatido e descrito com propriedade pelo gênero masculino na literatura, perpassando das esferas sociais à sexuais, sendo de domínio masculino como a figura feminina era descrita nos livros, contos, poesias, entre outros. Posteriormente as mulheres conquistarem o direito à escrita e leitura, esse cenário mudou, passando a dar voz ao sexo feminino, antes calado e oprimido pela superioridade do homem.

Inúmeras são as personagens femininas fortes e empoderadas da literatura, escritas sob a ótica de mulheres igualmente influentes, que ignoraram as regras machistas impostas a elas, tornando-se corajosas e ousadas em suas obras, libertando sua criatividade e seu talento em uma sociedade sexista e patriarcal há séculos passados.

Dentre tantas mulheres audaciosas e destemidas dos livros de literatura, cabe destaque a algumas, seja pela fama da obra ou da autora, o relevante é a forma que foram descritas, revelando elementos importantes para a construção de uma sociedade menos machista e patriarcal, ou pelo menos fazer com que o medo e o silenciamento do sexo feminino não sejam mais presentes.

Elizabeth Bennet é a famosa protagonista do livro “Orgulho e Preconceito”, da autora britânica Jane Austen; é uma jovem inteligente e sagaz, inconformada com a sociedade patriarcal em que vive no século XIX, questiona tudo ao seu redor e se recusa a casar por convivência (Fernandes, 2023). Romance perspicaz e habilidoso, a obra ainda é muito atual, pois trata de assuntos como o casamento por interesse, o modo como a sociedade ver e trata o sexo feminino, além de um amor que nasce entre tantas diferenças sociais e econômicas; tudo isso sem que Elizabeth deixe seus princípios e questionamentos de lado, não satisfeita com o rumo que a sociedade segue.

Escrita sob pseudônimo pela autora britânica Charlotte Brontë, "Jane Eyre" é uma das obras mais aclamadas até hoje. Trata-se de da vida da personagem Jane Eyre, que busca melhorias em sua vida no orfanato em que viveu, não contente com o que era permitido às mulheres do século XIX; passa a trabalhar em uma mansão e acaba se apaixonando pelo dono (Felipe, 2019). Mais um romance escrito no século dezenove, Jane Eyre é admirável e trata de uma história de superação, de enfrentar a sociedade machista e seguir em frente, visando novos objetivos, tudo isso sendo uma jovem mulher e órfã, sem ajuda ou expectativas além do dia a dia.

Louisa May Alcott, autora norte americana, escreveu a astuta obra "Mulherzinhas", que conta história de quatro irmãs que têm que lidar com a pobreza na Inglaterra, além de perderem o pai na guerra civil; Meg, Jo, Beth e Amy crescem e precisam enfrentar os problemas da vida (Lee, 2017). Esse livro é cativante e inspirador, pois as personagens são retratadas como criativas e inteligentes, que encaram a vida de forma leve, apesar dos muitos problemas que precisam conviver, não perdem o senso de humor e a esperança de dias melhores.

"O Conto da Aia", escrito por Margaret Atwood, é uma obra literária que foi escrita no século XX; discorre sobre o futuro distópico no qual vive a personagem Offred, em que as mulheres não têm direitos nem liberdade, cuja única serventia é dar a luz os filhos de classes dominantes; Offred não recua e luta contra toda essa repressão (Fernandes, 2023). Romance e ficção científica são os gêneros dominantes nessa obra aclamada e tão presente na atualidade, pois a personagem Offred transmite o esforço contra o patriarcado, a esperança de dias melhores e a força da mulher em busca da autonomia.

Hermione Granger é uma das mais admiráveis personagens da série de livros "Harry Potter", da autora J. K. Rowling, que chegou a publicar os livros sob pseudônimo; Hermione é uma personagem que se destaca pela coragem, inteligência e firmeza (Reis, 2014). Inspiradora, corajosa e de essência única, Hermione Granger influencia muitas mulheres a buscarem seus objetivos sem sentir medo do porvir, a ler e buscar nos livros as respostas aos questionamentos, idealizando e priorizando seu caráter a todo custo.

A saga "Crepúsculo", escrita pela autora americana Stephenie Meyer, é uma das mais famosas obras do gênero literário fantasia; discorre sobre a vida de Isabella Swan, a Bella, uma jovem introvertida que se apaixona pelo vampiro Edward Cullen,

a partir de então sua vida passa a ter várias reviravoltas (MdL, 2023). A personagem Bella é tão amada pelo público jovem feminino por ser tão natural e levar uma vida corriqueira, após se envolver amorosamente começa a observar a vida de outra forma, enfrentando seus medos e problemas, crescendo e amadurecendo ao longo da história, em todos os livros.

A série de livros ACOTAR (A Corte de Espinhos e Rosas), da autora Sarah J. Maas, é mais uma série de fantasia que bate recordes de vendas no mundo todo; conta a história de uma humana, Feyre Archeron, que vive na pobreza e precisa caçar para sobreviver e alimentar sua família, e não pode atravessar “a muralha” que separa os humanos dos seres mágicos “feéricos”, porém Feyre acaba matando um lobo e descobre ser um desses seres “feéricos”, assim é levada para viver nas terras de um “Grão-Senhor” chamado Tamlin, o qual acabam vivendo um romance incerto (Thaysi, [20–?]). Feyre é uma personagem forte que se desenvolve ao longo dos livros, enfrentando suas inseguranças e até mesmo um relacionamento abusivo, precisando se refazer como mulher e ser vivo, e descobre que somente ela pode ser dona de si, não precisando de um companheiro para se sentir completa e capaz.

Ifemelu é protagonista do livro “Americanah”, de Chimamanda Ngozi Adichie, autora nigeriana; narra a história de uma jovem estudante e seu namorado, o qual precisa deixar para estudar em outro país, pois seu país de origem está vivendo tempos difíceis, quando retorna, blogueira de sucesso nos EUA, tudo está diferente e ela terá que lidar com as mudanças (Mello, 2020). Ifemelu é uma mulher independente que corre atrás dos seus sonhos, partindo de sua terra natal em busca de melhores oportunidades no Estados Unidos, deixando para trás família e o amor de sua juventude, tendo que lidar com questões raciais e de gênero, ao mesmo tempo que se destaca no meio acadêmico.

Clarice Lispector escreveu o romance “A Hora da Estrela”, obra de natureza autobiográfica, marcada de emoções, conta a história de reflexão dos sentimentos de Macabéa, mulher pobre alagoana que vai morar no Rio de Janeiro e sua vida dá início a várias experiências nunca vividas antes (Diana, [20–?]). Macabéa é uma protagonista que traz consigo várias reflexões acerca da vida cotidiana e do contentamento habitual, que desperta uma necessidade de questionamento acerca dos estereótipos que definem a sua existência na sociedade.

“Quarto de Despejo” é a obra da escritora Carolina Maria de Jesus, que narra sua própria história em forma de um diário, na favela do Canindé, onde morava em São Paulo na década de 1950; o diário relata a miséria, preconceito, fome e violência que enfrentavam os moradores da favela (Dias, 2021). Carolina Maria de Jesus é o retrato de muitas mulheres negras, pobres e que vivem em condições subumanas hoje, sendo resistência de um sistema elitista, patriarcal e violento que perdura durante anos nas favelas do Brasil.

“Úrsula” é o romance maranhense da autora Maria Firmina dos Reis, publicado sob pseudônimo, cuja protagonista tem o mesmo nome do título do livro; expõe as condições vividas pelos negros no século XIX, no romance entre dois jovens estão as marcas da escravidão e injustiças raciais, sociais, de classe e gênero (Souza, 2021). Úrsula é sinônimo de resistência, de luta contra a escravidão, de mulher pobre que tem a vida marcada por perdas e decepções, mas que sonha e não perde a esperança de uma vida melhor.

Carina Rissi é uma autora brasileira da série de livros “Perdida”, cuja protagonista, Sofia Alonzo é uma mulher do século XXI que ama a vida moderna, mas após comprar um celular novo sua vida muda completamente ao ir parar no século XIX, onde conhece Ian Clarke e sua família e precisa decidir se quer voltar para casa ou seguir no passado (Série [...], [20-?]). Sofia é uma mulher forte e independente, que sempre conseguiu tudo com esforço, tem ideais feministas e busca justiça em tudo o que faz, é um pouco de muitas mulheres que sonham com o amor verdadeiro, mas sem deixar suas convicções de lado.

Diversas autoras que escrevem literatura, nos mais distintos gêneros literários, contribuem para que as mulheres que leem suas obras possam sentir-se representadas com as personagens dos livros, tão reais e com vivências cotidianas, enfrentando problemas e encarando a vida com garra e coragem. Desse modo, se hoje o sexo feminino pode escrever de forma livre o gênero que quiser, é porque outrora as mulheres lutaram e conquistaram direitos antes negados a elas, possibilitando inúmeras mulheres a alcançarem a literatura e a explorarem, de forma autônoma e independente.

5 CONTRIBUIÇÃO DAS BIBLIOTECAS PARA O EMPODERAMENTO FEMININO

Considerando-se as demonstrações nas seções anteriores deste trabalho sobre as dificuldades e conquistas das mulheres na sociedade geral e na literatura, passa-se a discutir a biblioteca e a sua contribuição no empoderamento feminino, de modo que será apresentada inicialmente por uma perspectiva histórica, no qual será observado pela história como a biblioteca tem contribuído para o aumento do público feminino. Em seguida será explorado o papel da bibliotecária na formação das mulheres leitoras, numa perspectiva crítica, analisando através de livros e trabalhos acadêmicos quais procedimentos o profissional emprega para atingir esse objetivo.

Além disso, foi também realizada uma pesquisa de campo que permitiu um conhecimento real de como as bibliotecas e suas respectivas bibliotecárias têm desenvolvido o importante papel na contribuição do empoderamento feminino.

Por fim, será apresentado exemplos de trabalhos, bem como também propostas de intervenção para contribuir para o cumprimento do objetivo central do trabalho, auxiliando as bibliotecas de um modo geral.

5.1 Uma perspectiva histórica

Desde o seu surgimento, por volta do ano 260 a. C na Mesopotâmia, a biblioteca sempre foi espaço de conhecimento e preservação da informação, além da importância de ter uma pessoa bibliotecária ser organizador e disseminador de todo conhecimento ali registrado (Biblioteca..., 2017). Partindo dessa compreensão, entende-se que a biblioteca deve ser um ambiente igualitário, respeitoso e afável, visando garantir a acessibilidade de todos os usuários, além de abranger todos os gêneros, raças, entre outros.

Inúmeras bibliotecas existiram ao redor mundo ao longo dos séculos, propondo proteção a todos documentos e informações ali presentes. Sabe-se pouco sobre a organização das bibliotecas do Império Romano d. C, porém, pós o fechamento das bibliotecas ocidentais, por questões internas, como o declínio da filosofia, o fortalecimento da ideologia cristã faz com que as bibliotecas de Roma também se fechem, dando lugar às bibliotecas cristãs com acervo dedicado aos livros sagrados; assim a biblioteca passa a ter papel contrário à cultura pagã que ainda resistem nos acervos em latim e grego (Serrai, 1975, p. 144).

Pouco antes do Renascimento surgem as bibliotecas universitárias, estendendo seu acervo para além de obras religiosas; como os livros ainda eram manuscritos, a reprodução passou a ser crescente com a prensa criada por Gutenberg, resultando em maior relação entre livro e leitor, o que posteriormente procedeu a novas descobertas científicas, interrompendo o destaque da Igreja na sociedade, assim, as bibliotecas universitárias passaram a ser espaço de disseminação e acesso à informação, além de ampliarem a socialização de bibliotecas consecutivas a elas (Morigi; Souto, 2005).

Acompanhado as transformações do mundo, a biblioteca cresce e se expande, contribuindo para a dinamização da informação, como expõe Serrai (1975, p. 147-148):

1. as bibliotecas constituídas como fundação e mantidas por dotação;
2. as bibliotecas nacionais (em geral derivam das reais);
3. as bibliotecas circulantes, com pagamento de certa importância por parte do usuário;
4. as filantrópicas, com base financeira mista;
5. as públicas anglo-americanas, mantidas por contribuições fiscais.

Por conseguinte, os acervos passaram a não serem mais colocados em armários, passa-se a usar estantes fixas nas paredes; os livros são expostos hierarquicamente por divisões do saber, seguindo assim até o surgimento da Classificação Decimal de Dewey (Serrai, 1975, p. 149).

Ao longo do tempo, surgiram outros tipos de bibliotecas, como as públicas, que segundo Shera *apud* Fonseca (1992) foram criadas no século XIX, com o intuito de beneficiar com a educação, toda a sociedade, sem distinção. Assim, cada biblioteca que surgia ao redor do mundo, contava com um acervo específico para atender seus usuários e suas necessidades.

Mesmo sendo contribuinte para o progresso da humanidade, as bibliotecas passaram por períodos sombrios, em que a censura era considerada adequada por quem a aplicava, visto que livros com temáticas “impuras” ou “duvidosas” eram apontados como impróprios para o público feminino, na maioria das vezes. A censura nas bibliotecas durante o Regime Militar no Brasil ilustra facilmente essa tentativa de silenciamento, em que as bibliotecas públicas eram constantemente vigiadas, e todo e qualquer acervo adquirido deveria ser comunicado em relatórios, para que nenhuma obra considerada inadequada compusesse o acervo das bibliotecas (Igreja, 2018).

Assim como todos em todos os âmbitos da sociedade, em épocas passadas, as mulheres também foram proibidas de frequentar a biblioteca, tendo em vista que a

educação feminina era voltada somente à vida no lar, casamento e criação dos filhos, desconsiderando o ensino escolar. Somente no século XIX as mulheres puderam ingressar nas faculdades, tendo autorização dos pais ou marido, no caso das casadas; tão logo estando na graduação puderam ter acesso às bibliotecas e suas obras (Fernandes, 2019).

Por conseguinte, dominada por homens, a profissão da pessoa bibliotecária se estendeu por muitos anos no mundo todo, até serem criados os cursos de graduação nas universidades, Ferreira (2021, p. 20) expõe esse fato:

Antes da emergência dos cursos as atividades bibliotecárias eram realizadas em sua maioria por homens, religiosos e intelectuais. Estes consideravam as bibliotecas como espaços afeitos àqueles que tinham conhecimento ou que desejavam ampliá-los.

No Brasil, segundo Ferreira (2021, p. 20), após a expansão do curso de Biblioteconomia nos 26 estados e em seguida a criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários – FEBAB, inicia-se a luta pelo reconhecimento da profissão e destaca-se alguns bibliotecários, incluindo Laura Russo que buscava a regulamentação a profissão de bibliotecário.

Os primeiros anos de formação dos cursos de Biblioteconomia no Brasil, havia uma predominância do sexo masculino. Após décadas sob controle dos homens, a partir dos anos cinquenta do Século XX, as mulheres passam a dominar a profissão de bibliotecário, contudo, há a desvalorização das bibliotecárias quando se fala em ocupação de processos políticos, como evidencia Martins; Müller (2019, p. 101)

[...] ainda que as mulheres sejam a maioria na Biblioteconomia, elas permanecem sem o destaque quando se trata de ocupação em processos políticos, alcançando o bibliotecário um destaque muito maior que sugeriria a sua representatividade de somente 18% da totalidade de profissionais no país. Para além disso, constata que a linguagem sexista empregada para a profissão se torna ainda mais descabida diante destes números.

Mesmo com esse recorte expondo o esquecimento das mulheres na profissão bibliotecário, cabe mostrar mulheres bibliotecárias que fizeram e fazem a diferença em suas contribuições para a profissão:

- a) Adelpha de Figueiredo (1894-1966) foi uma das primeiras bibliotecárias brasileiras e a primeira diretora da Biblioteca Pública Municipal Mario de Andrade (Conheça... 2021);

- b) Laura Russo (1915-2001) foi a primeira a presidente da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários e do Conselho Federal de Biblioteconomia (Conheça... 2021);
- c) Carla Hayden (1952) foi a primeira mulher e negra a ocupar o cargo de bibliotecária no Library of Congress e já foi presidente da American Library Association (Mundo... 2018);
- d) Lúcia Fidalgo (1965) foi membro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, dirigiu o Departamento de Bibliotecas Públicas do Estado do Rio de Janeiro e já foi membro do CRB7 (Mundo... 2018).

Atualmente, com as transformações vividas nos últimos séculos, como os direitos conquistados pelas mulheres, as bibliotecas também têm passado por mudanças e se adaptado à sociedade e às exigências necessárias. Além de ajudarem no desenvolvimento da sociedade, as bibliotecas modernas auxiliam no processo de socialização através da circulação de livros, pois estes já não são mais apenas de cunho religioso ou didático, tendo inúmeros conteúdos para todos os públicos (Oliveira, 2019, p. 30).

Seguindo essa linha de transformações na biblioteca, esta também faz papel importante no empoderamento feminino, tendo em vista que a busca pela autonomia das mulheres pode e deve ser alvo de projetos para maior inclusão de literatura feminina no acervo da biblioteca, almejando que mais mulheres sejam alcançadas pelas referências femininas nos livros e tenham sua identidade fortalecida e reconhecida, como foi explanado anteriormente neste trabalho, assumindo o papel principal na escrita e na literatura, desconstruindo aos poucos o patriarcado na sociedade machista.

5.2 O papel da pessoa bibliotecária na formação de leitores críticos

Desde o surgimento das bibliotecas, o bibliotecário desempenha função importante na profissão, sendo responsável por organizar, preservar e disseminar toda e qualquer informação, em diferentes suportes à todas as pessoas. No decorrer da Idade Média os bibliotecários eram monges, estes que foram responsáveis pela cópia e conservação de documentos importantes; no Renascimento, os bibliotecários foram importantes para traduzir e divulgar textos de diversas culturas ao redor do mundo; do mesmo modo, durante a Segunda Guerra Mundial, os bibliotecários

ofereciam informações ao exército, além de fornecer livros aos prisioneiros (Uma perspectiva..., 2023).

No mundo moderno, os bibliotecários continuam sendo preservadores e disseminadores da informação, porém, devem estar atentos e atualizados às mudanças na sociedade, Morigi; Souto (2005) destacam que “o bibliotecário deixou de ser um erudito, guardião dos livros para se tornar um profissional mediador no processo de busca da informação. Nesse sentido, ele pode ser visto como um educador do usuário.”

Se tratando de direitos, as mulheres já conquistaram inúmeros, e a grande maioria os conhece, contudo não são todas as mulheres que sabem e praticam a autonomia feminina no dia a dia. Assim a pessoa bibliotecária é relevante no incentivo e construção do pensamento crítico das mulheres leitoras, tendo em vista que a leitura engrandece e auxilia na formação do senso crítico. Sendo mais que uma pessoa que fica sentada atrás de um balcão, o profissional da informação é um mediador entre os leitores e o conhecimento, que busca facilitar o acesso informacional em diferentes tipos de suportes dentro da biblioteca.

Conforme afirma Monteiro (2015, p. 24) o bibliotecário deve auxiliar os usuários no despertar para o desejo de ler, refletir e criticar. Desse modo, o profissional da informação deve estar antenado e comprometido com o acesso ao livro e literatura, sendo consciente de seu papel no ambiente da biblioteca, incentivando a leitura de diversos gêneros literários, a fim de que os leitores se sintam instigados a conhecer e sair da zona de conforto que muitas vezes é vivida pelo leitor. Na questão do empoderamento feminino, a pessoa bibliotecária deve inteirar-se de obras com autoras mulheres e/ou protagonistas femininas nos livros, que antes eram silenciadas e hoje estão cada vez mais em evidência, instigando mais mulheres à consumir esse tipo de literatura.

Portanto, sabendo do seu papel democratizador ao acesso à informação, a pessoa bibliotecária deve buscar aprimorar suas habilidades e competências no campo de sua formação, pois assim conseguirá suprir as necessidades profissionais de uma biblioteca, visto que um acervo sem um profissional da informação para preservar e disseminar não progride.

Sendo assim, entendendo as dificuldades e preconceitos enraizados acerca do gênero feminino, a pessoa bibliotecária precisa estar compenetrada com as literaturas

atuais, algumas já descritas e contextualizadas anteriormente, além das mais antigas, visando inteirar-se do cotidiano e contexto social atual, para assim auxiliar nas demandas das mulheres leitoras, a fim de que estas possam se sentir influenciadas e motivadas a ler literatura feminina como forma de buscar seu reconhecimento, dissolvendo cada vez mais o mundo machista e patriarcal, pois a leitura é um instrumento de empoderamento feminino que deve ser explorado e desenvolvido na biblioteca.

5.3 Ações culturais desenvolvidas pelas bibliotecas públicas de São Luís para difusão da literatura (coleta e análise de dados)

Após contextualizar todas as dificuldades vividas pelas mulheres no campo da literatura e escrita, além da sociedade geral ao longo dos séculos, nesta subseção será apresentado a análise e descrição dos dados obtidos a partir dos questionários aplicados às gestoras das bibliotecas escolhidas, com intuito de observar e descobrir se as bibliotecas estão desenvolvendo ações para o fortalecimento do assunto empoderamento feminino, e se sim, como estão sendo feitos, com a finalidade de formar mulheres leitoras independentes e protagonistas de suas histórias, motivadas a partir da literatura feminina propagada nas bibliotecas.

Assim, foram selecionadas 2 (duas) bibliotecas públicas, uma estadual e uma municipal, da cidade de São Luís. Foi aplicado um questionário, presencialmente, contendo 7 perguntas para as gestoras.

5.3.1 Biblioteca Municipal José Sarney- entrevista com a gestora

A primeira biblioteca visitada foi a Biblioteca Municipal José Sarney, localizada no Bairro de Fátima, criada em 1983, consta com um acervo de 16.000 mil livros, entre obras infantis, bibliográficas, cordel, literatura, entre outros. Seu grande público é a comunidade do bairro e as escolas da rede pública, a maioria com turmas do fundamental. O horário de funcionamento é das 8h às 17h, de segunda a sexta feira. Durante a visita para aplicar o questionário, a gestora Rita Oliveira e o bibliotecário servidor Márcio Almeida estavam presentes.



Fonte: galeria da autora

Questionário com a gestora	
Qual a taxa de visitação de mulheres por mês?	Impossível dizer ao certo, mas em média, 40 mulheres
Qual(is) gênero(s) literário(s) as mulheres leem mais?	Literatura romance e gibi
Qual a proporção de leitura das mulheres a. 1 livro por mês b. 1 livro cada 2 meses c. 1 livro em cada semestre d. 1 livro por ano	Impossível quantificar
Qual a proporção de leitura dos homens a. 1 livro por mês b. 1 livro cada 2 meses c. 1 livro em cada semestre d. 1 livro por ano	Impossível quantificar
No que se refere a empréstimos qual a proporção de livros lidos por mulheres a. 1 livro por mês b. 1 livro cada 2 meses c. 1 livro em cada semestre d. 1 livro por ano	Impossível quantificar

<p>No que se refere a empréstimos qual a proporção de livros lidos por homens</p> <p>a. 1 livro por mês b. 1 livro cada 2 meses c. 1 livro em cada semestre d. 1 livro por ano</p>	<p>Impossível quantificar</p>
<p>A Biblioteca desenvolve ações culturais para atrair o público feminino? Se sim, que tipo de ação?</p>	<p>Sim. Durante todo o mês de março são realizadas oficinas de ovos de Páscoa, arranjos com balões festa, empreendedorismo feminino, entre outros. Além disso, em cada mês há programação referente à festividade do mês, sendo chamadas várias mulheres para palestrar ou dar aulas nas oficinas. A exemplo, no mês de novembro irão acontecer o sarau da negritude, que conta com poetisas mulheres e a feira preta, em que expositoras negras estarão com seus produtos expostos durante a feira, além de ministrarem oficinas sobre turbante e trança.</p>

Fonte: elaborado pela autora

Se tratando da primeira pergunta em que se questionava sobre a visitação das mulheres, a gestora relatou que não era possível dizer exatamente quantas mulheres frequentavam durante o mês, pois há muitas visitas de escolas e durante essas visitas há professoras que acompanham os alunos. Além disso, há usuárias assíduas na biblioteca, resultando em número extenso de frequência de mulheres no ambiente.

A segunda pergunta teve uma resposta concisa, contudo, não quer dizer que as mulheres não leiam outros gêneros, porém o público feminino é imenso em literatura romance e gibi.

A terceira, a quarta, a quinta e a sexta perguntas, segundo a gestora, são impossíveis de quantificar, pois não há como fazer essa dimensão de números exatos. Essa resposta surpreendeu pelo inusitado uma vez que há inúmeros recursos disponíveis para controle de empréstimos e uso das bibliotecas. Porém, a gestora informou que “de cabeça” sabe que as mulheres leem mais e pegam emprestado mais vezes na semana, mas não pode dizer precisamente em números.

Na sétima e última pergunta foi possível saber quais trabalhos estão sendo realizados na biblioteca para chamar atenção das mulheres. De acordo com a gestora, o destaque das ações para o público feminino é o mês de março, em que se comemora o dia da mulher e durante todo esse mês há atividades em alusão a essa comemoração. Contudo, ao longo dos outros meses, de acordo com a festividade de cada um, são desenvolvidas ações que tenham a inclusão de mulheres, a exemplo a feira preta que se realizou dia 30 de novembro de 2023 e contou com a presença de várias expositoras, instrutoras nas oficinas e palestrantes sobre a consciência negra.

Analisando as respostas da gestora, foi observado que a falta de recursos que possibilitem saber sobre visitação entre os gêneros masculino e feminino, a quantidade e tipos de literatura são consumidos e o quantitativo de empréstimos é muito falha, deixando uma lacuna a ser preenchida nesse quesito. Se houvesse de fato um recurso digital, um software para gerenciar esse tipo de informação, possibilitaria um maior alcance do público feminino, visto que a gestora poderia conhecer melhor suas usuárias reais e potenciais, além de saber suas preferências literárias e quais gêneros literários são mais lidos pelas mulheres, aumentando as chances de trabalhar com essas informações com intuito de formar leitoras.

Foi possível saber também quais atividades estão sendo realizadas para emancipação de mulheres e formação de leitoras. Descobriu-se que a gestora busca realizar ações para atrair ainda mais o público feminino, tendo em vista que as escolas e os moradores do bairro são a maioria do público que frequenta a Biblioteca. Contudo, o que foi percebido é que na verdade, a maioria dos eventos são para dar visibilidade à Biblioteca, mesmo que a temática do empoderamento feminino seja trabalhada, não é exatamente voltada para a leitura, o que mostra uma timidez quanto a estas ações culturais desenvolvidas pela gestora. Desse modo, ainda que a Biblioteca seja utilizada como espaço cultural para a realização de atividades com o intuito de trabalhar a autonomia feminina, há uma brecha quanto ao intuito de formar leitoras, de fato.

5.3.2 Biblioteca Pública Benedito Leite- entrevista com a gestora e usuárias

A segunda foi a Biblioteca Pública Benedito Leite, localizada na praça Deodoro, Centro. Foi criada e aberta ao público em 1831, com um acervo de mais 120 mil obras entre literatura, cd's, literatura acessível, obras raras, entre outras, é referência em

promoção de leitura e memória histórica do Maranhão. É visitada pela população em geral, desde crianças à idosos. Abre de segunda a sexta feira, das 8h30h às 19h. A gestora Aline Nascimento foi a responsável por responder o questionário.



Fonte: galeria da autora

Questionário com a gestora	
Qual a taxa de visitação de mulheres por mês?	<i>Impossível dizer um número exato</i>
Qual(is) gênero(s) literário(s) as mulheres leem mais?	<i>Literatura romance</i>
Qual a proporção de leitura das mulheres e. 1 livro por mês f. 1 livro cada 2 meses g. 1 livro em cada semestre h. 1 livro por ano	<i>Impossível quantificar</i>
Qual a proporção de leitura dos homens e. 1 livro por mês	<i>Impossível quantificar</i>

<p>f. 1 livro cada 2 meses g. 1 livro em cada semestre h. 1 livro por ano</p>	
<p>No que se refere a empréstimos qual a proporção de livros lidos por mulheres e. 1 livro por mês f. 1 livro cada 2 meses g. 1 livro em cada semestre h. 1 livro por ano</p>	<i>Impossível quantificar</i>
<p>No que se refere a empréstimos qual a proporção de livros lidos por homens e. 1 livro por mês f. 1 livro cada 2 meses g. 1 livro em cada semestre h. 1 livro por ano</p>	<i>Impossível quantificar</i>
<p>A Biblioteca desenvolve ações culturais para atrair o público feminino? Se sim, que tipo de ação?</p>	<i>Sim. No mês de março há um destaque maior para as mulheres e são desenvolvidas atividades para o público feminino. Durante o restante do ano, há contações de história com mulheres e exposições com livros de autoria feminina.</i>

Fonte: elaborado pela autora

Na primeira pergunta a gestora respondeu que, por haver muitas visitas e não haver um sistema que faça a quantificação de números de visitas de mulheres e homens, é extremamente difícil saber e dizer um número exato. O que causou estranhamento, tendo em vista os muitos recursos existentes para controle de empréstimos e consulta utilizados por inúmeras bibliotecas no País. Mas o que se pode afirmar é que a biblioteca atende muitas mulheres, tanto no ambiente físico quanto no digital.

A segunda pergunta obteve-se uma resposta, mesmo que não exata, pois não um sistema para diferenciar quais gêneros são mais lidos. A gestora informou que o público feminino também é grande nas leituras de livros científicos, mas, a literatura ainda é dominante entre as usuárias.

Na terceira, quarta, quinta e sexta pergunta, a resposta foi que é impossível saber sobre essa quantificação de leituras e empréstimos, pois o sistema utilizado na

biblioteca não permite que haja essa informação. Mas o que se sabe é que as mulheres são um público extenso na Biblioteca. A resposta surpreendeu, pois, existe hoje inúmeros instrumentos de controle de acervo e de empréstimos que poderiam ser implementados nesta Biblioteca.

A sétima e última pergunta possibilitou saber o que a gestora está fazendo para que as mulheres sejam alcançadas ainda mais. Segundo a gestora, a Biblioteca promove atividades em março, mês da mulher, palestras sobre protagonismo feminino e violência contra a mulher e durante o ano há exposições com autoras femininas em destaque nas estantes.

Analisando as respostas da gestora, foi notado que a Biblioteca tem falhas quanto ao serviço de gerenciamento de informação, não permitindo saber quantitativo de visitas entre os gêneros feminino e masculino, empréstimos ou gêneros literários mais lidos. Essa falha impossibilita saber mais sobre os usuários da Biblioteca, generalizando as seis primeiras respostas da gestora. Ainda mais, frustra pesquisadores que ao irem em busca dessas respostas para suas pesquisas, se deparam com o “impossível quantificar”.

Quando perguntado à gestora sobre o que está sendo feito para atrair o público feminino para o ambiente da Biblioteca, a gestora respondeu que o foco não está nas mulheres somente, pois a Biblioteca é um ambiente plural e por isso não há atividades sendo executadas em outros meses além do mês de março. Foi observado também que as ações do mês de março, que segundo a gestora, são realizadas também com palestras sobre violência contra a mulher, não são suficientes para chamar a atenção de mulheres leitoras, pois somente um mês do ano não é o bastante para formar leitoras, uma vez que após passar a data em questão, a temática do empoderamento feminino é deixada de lado e volta a ser relevante somente no ano seguinte. Portanto, a Biblioteca sendo importante em seu papel social e cultural, deveria aproveitar e oportunizar que mais mulheres leitoras pudessem ser influenciadas a consumir literatura feminina, partindo das atividades desenvolvidas pela Biblioteca seguindo o assunto da autonomia feminina.

5.4 Uma proposta de intervenção

Conforme foi exposto sobre as ações e estímulos que as bibliotecas têm realizado para atrair o público feminino no intuito de formar leitoras, percebeu-se que

apesar de haver atividades sendo desenvolvidas nas duas bibliotecas analisadas, ainda é tímida ou quase inexistente, mesmo possuindo espaço e tempo para realizar atividades simples que não requerem tantos recursos financeiros, como por exemplo um clube de leitura.

As bibliotecas precisam estar ainda mais engajadas na temática da emancipação feminina. Pesquisas na internet mostram que há poucos artigos e matérias sobre isso, deixando um vazio a ser preenchido nessa questão tão importante que é o empoderamento das mulheres através da literatura, utilizando o espaço e atribuição das bibliotecas.

No entanto, para que mais mulheres se sintam atraídas a ir à biblioteca e consumir literatura é necessário investimento em um acervo singular, que traga à vista autoras e personagens femininas, para além da literatura já existente no acervo. Um ambiente especial também pode ser construído, tendo em vista o maior conforto e comodidade das mulheres para ler os livros que sintam vontade. A exemplo o diretor da Biblioteca Pública Benedito Leite em 1899, Antônio Lobo, quando incomodado com a pouca constância de visitas femininas à biblioteca, após ter investido em um acervo com revistas de moda e periódicos, resolveu construir uma sala de leitura unicamente para as mulheres, visto que elas dividiam espaço com os homens em outros ambientes na biblioteca, ocasionando talvez o desconforto de algumas delas e fazendo com que não retornassem com frequência à biblioteca (Silva; Castro, 2012, p. 44-46).

Outras iniciativas podem ser estimuladoras, como rodas de leitura para discussão de temas acerca da condição de ser mulher, visando a autonomia e autoestima feminina. Tendo como exemplo de estímulo à literatura e autonomia feminina, O Clube das Manas, em Tefé- AM é um clube de leitura que promove o empoderamento feminino por meio de rodadas de leitura e conversa, visando falar sobre feminismo com as mulheres, além de dialogar sobre a experiência de vida das participantes (Costa; Simoes, 2017).

Além dos projetos já citados acima, as bibliotecas precisam continuar com as ações culturais que já desenvolvem, mesmo que timidamente, além de projetar novas atividades, como o Sugira uma Autora, que seria uma caixinha a qual receberia papezinhos escritos por mulheres contendo indicação de um livro escrito por uma mulher ou o nome de uma autora; essa caixinha seria utilizada para casos em que

uma usuária não esteja sabendo o que levar para ler, então o servidor irá “sortear” um papel contendo o nome de um livro ou de uma autora e irá buscar no sistema e fazer o empréstimo, se a usuária desejar levar.

Ademais, é importante o desenvolvimento de um sistema de gerenciamento de informação, um software, que possibilite saber o quantitativo de visitas e a proporção de leitura por mês entre os gêneros feminino e masculino, quais gêneros literários mais são emprestados, entre outras informações pertinentes aos usuários, que podem vir a ajudar a gestão da Biblioteca na busca e conhecimento do público real e potencial, para que seja possível trabalhar com esses dados, no intuito de maior alcance entre as leitoras mulheres e quais atividades podem ser interessantes para trabalhar o assunto empoderamento feminino, com a finalidade de formar mulheres leitoras conhecedoras de seus direitos e autonomia protagonista.

Portanto, tendo em vista as colocações descritas acima, presumisse que a biblioteca continue sendo não somente espaço de difusão de leitura, mas incluindo em atividades e ações as pautas que necessitam de uma atenção maior, como a emancipação feminina, continuando a desempenhar papel importante na formação de leitoras mulheres influenciadas pela literatura feminina.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa intencionou compreender como o empoderamento feminino é trabalhado nas bibliotecas públicas da cidade de São Luís/MA e quais projetos e abordagens estão sendo implementadas para chamar a atenção das mulheres, tendo em vista o ambiente da biblioteca como espaço para a difusão de conhecimento e informação, visando a formação de leitoras que reconheçam a importância da autonomia feminina. Para isso, partiu-se de pesquisas bibliográficas e de questionário aplicado às gestoras das bibliotecas.

Durante o seguimento desta pesquisa, a qual teve por objetivo geral analisar como as bibliotecárias têm trabalhado para socializar a temática do empoderamento feminino para chamar a atenção das mulheres leitoras, foi possível conhecer a origem do empoderamento feminino no seu aspecto histórico e social. Além de descrever como o empoderamento feminino influenciou a literatura feminina e demonstrar o protagonismo feminino na literatura e escrita, verificou-se como as bibliotecas de São Luís/MA têm promovido o incentivo ao empoderamento feminino através da literatura.

Foi explorado neste estudo acerca dos preconceitos sobre o gênero feminino enraizados ao longo da evolução do mundo, sobre a invisibilidade e o silêncio da sociedade quanto à escrita feminina. Contudo, foi possível explanar também como as mulheres conseguiram conquistar seu espaço no mercado de trabalho, incluindo literatura e biblioteca, além de conhecer mais sobre o trabalho de algumas autoras e como as mulheres obtiveram grande persuasão na literatura, sendo reconhecidas em suas obras, mesmo que de forma sutil em alguns gêneros literários, como ficção científica.

Notou-se nas respostas das gestoras das bibliotecas que elas têm trabalhado para engajar a questão da autonomia feminina entre as mulheres, sejam usuárias ou visitantes. Contudo, ainda é sutil a forma com que as ações são desenvolvidas, e ainda mais, essas ações não são totalmente voltadas para a formação de leitoras, deixando a desejar a disseminação e difusão da literatura feminina entre as mulheres leitoras. Dada a importância da temática do empoderamento feminino, era de se esperar as bibliotecas estivessem se engajando pelo menos uma vez ao ano para que as mulheres leitoras pudessem se sentir influenciadas a buscar seu reconhecimento através da leitura, para assim vir a diminuir cada vez mais a sociedade machista e patriarcal em que se vive.

Porém, percebeu-se que, apesar da Biblioteca Municipal José Sarney proporcionar maior funcionamento de trabalhos relacionados ao empoderamento feminino, seja em feiras, exposições, oficinas, clube de leitura, palestras, entre outros, constatou-se que ainda há um vazio a ser preenchido quanto à influência da literatura feminina, visando formar mais mulheres leitoras, a fim de que estas estejam em busca do protagonismo feminino através da leitura. Em contrapartida, embora a Biblioteca Pública Benedito Leite seja maior em espaço e acervo, não se tem muitos projetos para atrair mulheres usuárias para a Biblioteca. Assim, notou-se que existe uma falha muito grande a ser suprida, que é a falta de empenho quanto à temática do empoderamento feminino, o que poderia ser contornado de forma fácil, utilizando os recursos já disponíveis na Biblioteca, como os amplos espaços físicos.

Há ainda a lacuna vazia que é a falta de informações precisas quanto à taxa de visitação entre os gêneros feminino e masculino, a quantificação de empréstimos feitos por mulheres, a preferência entre os gêneros literários, entre outros. Essa falha impossibilita tanto as gestoras conhecerem seus usuários reais e potenciais, quanto aos pesquisadores que buscam conhecer esses dados. Sendo assim, melhorias nos softwares de gerenciamento de informação são de suma importância. E ainda mais, as Bibliotecas necessitam buscar alternativas para entender quem são seus usuários e suas preferências quanto às obras lidas e emprestadas, tendo em vista um melhor resultado quanto a essas informações.

Importante ressaltar que a pesquisa bibliográfica oportunizou conhecer muitos fatos históricos e atuais sobre as lutas das mulheres para conquistar seus direitos, principalmente na leitura, literatura e escrita. Já a pesquisa de campo proporcionou conhecer de perto a realidade das bibliotecas e observar os acontecimentos pela ótica das gestoras, enriquecendo ainda mais este trabalho.

Por fim, é desejável que as Bibliotecas continuem a desempenhar os projetos que já realizam, seguindo sendo espaço cultural plural, igualitário e abrangedor, mas focando no seguimento de formação de leitoras, contribuindo para o fortalecimento de mulheres informadas e conhecedoras de sua autonomia.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnx1bWFsZWl0b3JhbmVncmF8Z3g6NDUyNDJlZTRlZTc3YjczYw>. Acesso em: 10 set 2023.
- ANDRADE, Thais Hayana dos Santos. O lugar de fala da mulher na literatura: a democratização do discurso feminino. *In: XIV COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE”*, 5., 2020, São Cristóvão. **Anais [...]**. Sergipe, USF, 2020. p. 3-16. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13781/20/19>. Acesso em: 10 set. 2023.
- ANGELIN, Rosângela. A “caça às bruxas”: uma interpretação feminista. **Portal Catarinas**: [s. l.], 2016. Disponível em: <https://catarinas.info/a-caca-as-bruxas-uma-interpretacao-feminista/>. Acesso em: 8 set. 2023.
- AREVALO, Mariola Diaz-Cano. Mulheres escritoras que usaram e usam pseudônimos masculinos. **Al presente literatura**: [s. l.], [20--?]. Disponível em: <https://www.actualidadliteratura.com/pt/escritoras-seudonimos-masculinos/>. Acesso em: 8 set. 2023.
- ARTUR, Margareth. Literatura de Conceição Evaristo resgata a ancestralidade negro-brasileira. **Jornal de USP**: [s. l.], 2022. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/literatura-de-conceicao-evaristo-resgata-a-ancestralidade-negro-brasileira/>. Acesso em: 22 out. 2023.
- ASSIS, Julia Steuernagel. Mas afinal, o que é empoderamento? **Impact HUB Curitiba**: Curitiba, 2017. Disponível em: <https://impachubcuritiba.com/empoderamento-feminino/>. Acesso em: 04 ago. 2023.
- A VEZ das princesas: uma nova história da Rapunzel. **Blog da Leiturinha**: [s. l.], 2022. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/historia-da-rapunzel/>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.pdf>. Acesso em: 05 ago 2023.
- BERMÚDEZ, Ana Carla. Conheça 14 mulheres que já ganharam o Prêmio Nobel de Literatura. **Guia do estudante**: [s. l.], 2017. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/conheca-as-14-mulheres-que-ja-ganharam-o-premio-nobel-de-literatura/>. Acesso em: 12 set. 2023.
- BIBLIOTECA e bibliotecário ao longo da história. **Portal do Bibliotecário**, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://portaldobibliotecario.com/biblioteconomia/biblioteca-bibliotecario-historia/index.html>. Acesso em: 26 out. 2023.

BIOGRAFIA. **Academia Brasileira de Letras**: [s. l.], 2016. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/lygia-fagundes-telles/biografia>. Acesso em: 18 ago. 2023.

BIOGRAFIA. **Marina Colasanti**: [s. l.], [20--?]. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/p/biografia.html>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CASTANHEIRA, Cláudia. **Escritoras brasileiras: percursos e percalços de uma árdua trajetória**. [S. l.]: [s. n.], [20--?]. Disponível em: <https://unig.br/wp-content/uploads/ESCRITORAS-BRASILEIRAS-PERCURSOS-E-PERCALCOS-DE-UMA-ARDUA-TRAJETORIA.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CASTRO, Mariana. Quem foi Maria Firmina dos Reis, ícone do movimento antiescravista que completaria 200 anos. **Brasil de Fato**: Imperatriz, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/11/quem-foi-maria-firmina-dos-reis-icone-do-movimento-antiescravista-que-completaria-200-anos>. Acesso em: 17 ago. 2022.

CONHEÇA a história e a importância da data 12 de março: dia do bibliotecário. **Saraiva Educação**: [s. l.], 2021. Disponível em: <https://blog.saraivaeducacao.com.br/dia-do-bibliotecario/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

COSTA, Amanda Silva Braga da; SIMOES, Priscila Pessoa. **O feminismo e a literatura como instrumento de empoderamento: o caso do Clube das Manas em Tefé**. XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação: Fortaleza, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/maria/Downloads/febab,+XXVIIICBBB_artigo_0293%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/maria/Downloads/febab,+XXVIIICBBB_artigo_0293%20(1).pdf). Acesso em: 01 nov. 2023.

COSTA, Camilla. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **Terra**: São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/arte-e-cultura/as-escritoras-que-tiveram-de-usar-pseudonimos-masculinos-e-agora-serao-lidas-com-seus-nomes-verdadeiros,d405e6365874dba80ab0f3187f3291328l5h9xu7.html>. Acesso em: 06 ago. 2023.

COTTER, Bridget. Mary Wollstonecraft: quem foi a “mãe” da primeira onda do feminismo. **Galileu**: [s. l.], 2023. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/historia/noticia/2023/03/mary-wollstonecraft-quem-foi-a-mae-da-primeira-onda-do-feminismo.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2023.

DIANA, Daniela. A Hora da Estrela de Clarice Lispector. **Toda Matéria**: [s. l.], [20--?]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/a-hora-da-estrela-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 29 set. 2023.

DIAS, Michel Aires de Souza. Quarto de despejo. **A terra é redonda**: [s. l.], 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/quarto-de-despejo/>. Acesso em: 29 set. 2023.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil**. Scielo: [s. l.], 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt>. Acesso em: 06 ago. 2023.

DUMONT, Lígia Maria Moreira; SANTO, Patrícia Espírito. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento. **Ciências & Cognição**, v. 10, p. 28-37, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v10/v10a04.pdf>. Acesso em: 20 set. 2023.

ESSER, Débora Cristina. Literatura feminina – mulheres em cena, na história e na memória. **Revista letras e línguas**, v. 15, n. 30, [p. 1-18], 2014. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10658/8052>. Acesso em: 11 set. 2023.

FALCÃO, Paula. Mulheres e espaço público: invisibilidade social feminina e o direito ao voto no Brasil. **Mosaico**, [s. l.], v. 10, n. 17, 246-260, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/80333/77410>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FELIPE, Mariana. As 10 personagens femininas mais marcantes da literatura. **Revista Bula**: [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.revistabula.com/22775-as-10-personagens-femininas-mais-marcantes-da-literatura/>. Acesso em: 28 set. 2023.

FERNANDES, Fernanda. A história da educação feminina. **MultiRio**: [Rio de Janeiro], 2019. Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14812-a-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-feminina>. Acesso em: 06 nov. 2023.

FERNANDES, Rana. Personagens femininas fortes da literatura: uma lista inspiradora. **Bienal do Livro JF**: [s. l.], 2023. Disponível em: <https://www.bienaldolivrojf.com.br/agens-femininas-fortes-na-literatura-uma-lista-inspiradora/>. Acesso em: 28 set. 2023.

FERREIRA, Francisco Eduardo. Marina Colasanti vence Prêmio Machado de Assis, da ABL. **Agência Brasil**: Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/marina-colasanti-vence-premio-machado-de-assis-da-abl>. Acesso em: 12 set. 2023.

FERREIRA, Maria Mary. **Bibliotecários e as condições de trabalho no Brasil e Portugal e as imbricações nas relações de classe, gênero, raça e etnia**. Flup: Portugal, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/maria/Downloads/Relatorio%20%20Mary%20P%C3%B3s%20doc%20Portugal%202021.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2023.

FERREIRA, Ricardo Alexino. O desgaste de termos como empoderamento e protagonismo. **Jornal da USP**: São Paulo, 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/o-desgaste-de-terminos-como-empoderamento-protagonismo/>. Acesso em: 04 ago. 2023.

FREITAS, Maria da Conceição Macedo de. Empoderamento feminino na literatura: uma proposta didática para o ensino. **Anuário de Literatura**, v. 25, n. 2, p. 203-221, 2020. Disponível em: [file:///C:/Users/maria/Downloads/Dialnet-EmpoderamentoFemininoELiteratura-7652070%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/maria/Downloads/Dialnet-EmpoderamentoFemininoELiteratura-7652070%20(1).pdf). Acesso em: 8 set. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. Editora Atlas: São Paulo, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

GOLDSMITH, Margie. “Primeiro escritor” da história foi uma mulher. **Forbes**: [s. l.], 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2022/11/primeiro-escriptor-da-historia-foi-uma-mulher/#:~:text=Foi%20uma%20mulher.,%2C%20m%C3%A3es%2C%20trabalhadoras%20e%20governantes>. Acesso em: 8 set. 2023.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: <https://elivros.love/livro/baixar-livro-o-feminismo-e-para-todo-mundo-politicas-arrebatadoras-bell-hooks-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>. Acesso em: 08 ago. 2023.

IGREJA, Paula Ribeiro da. **A censura nas bibliotecas durante o Regime Militar**. ENEBD: Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/15644/403.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 27 out. 2023.

MATIA, Wédja Roberta Moura. **Feminismo e empoderamento da mulher na sociedade brasileira**. [S. n.]: [s. l.], 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/maria/Downloads/53648-246314-1-PB.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.

LACERDA, Estela. 7 escritoras contemporâneas para conhecer o papel da mulher na literatura. **Dicas de mulher**: [s. l.], 2023. Disponível em: <https://www.dicasdemulher.com.br/mulher-na-literatura/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

LEE, Jarry. 20 livros incríveis com mulheres fortes como protagonistas. **Buzz Feed**: [s. l.], 2017. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/20-livros-incriveis-com-mulheres-fortes-como-protagonistas>. Acesso em: 28 set. 2023.

LEITE, Carlos William. Pioneira da ficção científica e da fantasia sombria, Gertrude Barrows Bennett é finalmente publicada no Brasil. **Revista Bula**: [s. l.], 2023. Disponível em: <https://www.revistabula.com/61623-pioneira-da-ficcao-cientifica-e-da-fantasia-sombria-gertrude-barrows-bennett-e-finalmente-publicada-no-brasil/>. Acesso em: 22 set. 2023.

LORENZETTO, Mário Sérgio. Quando a mulher era proibida de ler livros. **Campo Grande News**: [Campo Grande], 2016. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/colunistas/em-pauta/quando-a-mulher-era-proibida-de-ler-livros>. Acesso em: 20 set. 2023.

LOVELL, Bronwyn. A mulher na ficção científica. **Mojo**: [s. l.], [20--?]. Disponível em: <https://mojo.org.br/a-mulher-na-ficcao-cientifica/>. Acesso em: 21 set. 2023.

MENDES, “Livros eróticos ajudam a mulher a se emancipar”, diz autora do gênero. **Metrópoles**: [s. l.], 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/livros-eroticos-ajudam-a-mulher-a-se-emancipar-diz-autora-do-genero>. Acesso em: 21 set. 2023.

MARTINS, Carlos Wellington Soares. Livro, leitura, literatura e bibliotecas como políticas públicas. *In*: FERREIRA, Maria Mary. **Livro, leitura e bibliotecas em tempos sombrios**. Edufma: São Luís, 2017.

MATUOKA, Ingrid. Nísia Floresta: a primeira educadora feminista do Brasil. **Centro de referências em Educação Integral**: [s. l.], 2017. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/nisia-floresta/>. Acesso em: 17 ago. 2023.
TELES, Maria Amélia de Almeida. Como anda a igualdade de gênero na literatura? **Coletivo leitor**: [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.coletivoleitor.com.br/como-anda-a-igualdade-de-genero-na-literatura/>. Acesso em: 12 set. 2023.

MELLO, Deborah H. Americanah- Chimamanda Ngozi Adichie. **Garotas devorando livros**: [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.garotasdevorandolivros.com/2020/08/americanah.html>. Acesso em: 29 set. 2023.

MONTEIRO, Rejane da Silva. **O papel do bibliotecário na formação de leitores**. UFF: [Rio de Janeiro], 2015. Disponível em: <https://app.homologacao.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/2446/MONTEIRO%2c%20Rejane.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 nov. 2023.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Rev. ACB**, Santa Catarina, v. 10, n. 2, p. 189-206, jan./dez., 2005. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551#:~:text=A%20palavra%20%E2%80%9Cbiblioteca%E2%80%9D%20tem%20sua,local%20onde%20se%20armazena%20livros>. Acesso em: 04 nov. 2023.

MULHERES escritoras: a trajetória de grandes autoras na literatura. **Universo dos livros**: [s. l.], [20--?]. Disponível em: <https://universodoslivros.com.br/mulheres-escritoras-a-trajetoria-de-grandes-autoras-na-literatura/>. Acesso em: 07 ago. 2023.

MULHERES inspiradoras na Biblioteconomia. **Mundo Bibliotecário**: [s. l.], 2018. Disponível em: <https://mundobibliotecario.com.br/index.php/2018/03/08/mulheres-inspiradoras-na-biblioteconomia/>. Acesso em: 09 nov. 2023.

MUTA, Juliano. Mulheres buscam maior representatividade na literatura. **Folha de Pernambuco**: [Pernambuco], 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/mulheres-buscam-maior-representatividade-na-literatura/216267/>. Acesso em 12 set. 2023.

OLIVEIRA, Luciano Alan Rodrigues de. **Bibliotecas: uma breve revisão histórica**. Natal: UFRG, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39907/2/BibliotecasBreveRevisao_Oliveira_2019. Acesso em: 26 out. 2023.

OLIVEIRA, Romair Alves de; CAMARGO, Flávio Pereira. Escrita feminina: uma forma de resistência. **Via Litterae**, Anápolis, v. 7, n. 2, p. 329-349, jul./dez. 2015.

Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/4799/3180>. Acesso em: 16 ago. 2023.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão do Bibliotecário**. Tradução de Antonio Agenor Brinquet de Lemos. Brasília: Brinquet de Lemos, 2006.

O SEGUNDO sexo, de Simone de Beauvoir, completa 70 anos. **UFMG**: [Minas Gerais], 2019. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/o-segundo-sexo-de-simone-de-beauvoir-completa-70-anos>. Acesso em: 11 set. 2023.

PIMENTA, Larah. O papel da bibliotecária enquanto incentivadora do empoderamento feminino desde a infância. **Revista Eletrônica da ABDF**, [s. l.], v. 2, n. 1. p. 28-31, jan./mar. 2016. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/166064>. Acesso em: 04 ago. 2023.

QUEM é Adélia Prado? Vida, obra e poemas. **Beduka**: [s. l.], 2022. Disponível em: <https://beduka.com/blog/materias/literatura/quem-e-adelia-prado/>. Acesso em: 17 out. 2023.

RAGAZZI, Laura. Literatura feminina: conheça 5 escritoras brasileiras indispensáveis. **Esquinas**: [s. l.], 2022. Disponível em:

<https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/arte-e-cultura/literatura/cinco-escritoras-literatura-brasileira/>. Acesso em: 17 ago. 2023.

REIS, Vilto. 14 personagens femininas inesquecíveis da literatura. **Homo Literatus**: [s. l.], 2014. Disponível em; <https://homoliteratus.com/personagens-femininas-inesqueciveis-na-literatura/>. Acesso em: 28 set. 2023.

SALVÁ, Camila. Da literatura infantil ao simbolismo: conheça a trajetória de Cecília Meireles. **Instituto Ling**: [s. l.], 2021. Disponível em:

<https://institutoling.org.br/explore/da-literatu/ra-infantil-ao-simbolismo-conheca-a-trajetoria-de-cecilia-meireles>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SCHREINER, Pâmela. Criado por mulheres, dominado por homens: por que autores prevalecem no gênero ficção científica? **ND+**: Florianópolis, 2022. Disponível em:

<https://ndmais.com.br/literatura/conheca-autoras-de-ficcao-cientifica/>. Acesso em: 21 set. 2023.

SERRAI, Alfredo. **História da Biblioteca como evolução de uma idéia e de um sistema**. Belo Horizonte: UFMG, 1975. Disponível em:

<file:///C:/Users/maria/Downloads/portugol,+Hist%C3%B3ria+da+Biblioteca+como+evolu%C3%A7%C3%A3o+de+uma+id%C3%A9ia.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2023.

SÉRIE Perdida. **Carina Rissi**: [s. l.], [20--?]. Disponível em:

<https://carinarissi.com.br/perdida>. Acesso em: 30 set. 2023.

SEQUÊNCIA dos livros Crepúsculo: a ordem certa para ler. **Mdl**: [s. l.], 2023. Disponível em: <https://muraldoslivros.com/sequencia-de-livros-crepusculo/>. Acesso em: 29 set. 2023.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3480016/mod_label/intro/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

SILVA, Diana Rocha da; CASTRO, César Augusto. **Recomeço de uma história: percurso histórico e a recriação da Biblioteca Pública do Maranhão na Primeira República**. Editora Uema: São Luís, 2012.

SILVA, Karen Kelly Alves da; ÁLVARES, Luciana de Castro. A desigualdade de gênero refletida em invisibilidade social feminina. **Revista Projeção, Direito e Sociedade**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 152-165, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/maria/Downloads/1691-4648-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SOUZA, Ana. “Úrsula” abre a trilha e caminhos para a literatura negra no Brasil. **Tag blog**: [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.taglivros.com/blog/ursula-abre-a-trilha-e-caminhos-para-a-literatura-negra/>. Acesso em: 30 set. 2023.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, Mato Grosso do Sul, v. 10, n. 21, p. 153-164, jan./jun. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/maria/Downloads/eduufgd,+losandro.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2023.

THAISY. A saga Corte de Espinhos e Rosas e a sutil construção de um relacionamento abusivo. **Valkirias**: [s. l.], [20--?]. Disponível em: <https://valkirias.com.br/a-saga-corte-de-espinhos-e-rosas-e-a-sutil-construcao-de-um-relacionamento-abusivo/>. Acesso em: 29 set. 2023.

UMA PERSPECTIVA histórica sobre os Bibliotecários. **Biblio Fora da Caixa**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://biblioforadacaixa.com.br/index.php/2023/03/12/a-evolucao-da-biblioteconomia-uma-perspectiva-historica/>. Acesso em: 07 nov. 2023.

UMA PIONEIRA do erotismo. **Vermelho**: [s. l.], 2018. Disponível em: <https://www.vermelho.org.br/2018/03/29/uma-pioneira-do-erotismo/>. Acesso em: 17 out. 2023.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Boitempo: São Paulo, 2016.

WOOLF, Virgínia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Rio Grande do Sul: L&M Pocket, 2013. Disponível em: <https://doceru.com/doc/n88s085>. Acesso em: 11 ago. 2023.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Tordesilhas: São Paulo, 2014.

ZACARIAS, Ezequiel de Souza. **A importância da leitura para o desenvolvimento intelectual e social do indivíduo**. [UFAM], [Amazonas], 2017. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/retrieve/7810f7c4-4c91-442a-a18b-aa5688bf9a71/TCC-Letras-2017-Arquivo.009.pdf>. Acesso em: 22 out. 2023.

Apêndice A- Questionário com as gestoras

1. Qual a taxa de visitação de mulheres por mês?
2. Qual(is) gênero(s) literário(s) as mulheres leem mais?
3. Qual a proporção de leitura das mulheres?
 - a. 1 livro por mês
 - b. 1 livro cada 2 meses
 - c. 1 livro em cada semestre
 - d. 1 livro por ano
4. Qual a proporção de leitura dos homens?
 - a. 1 livro por mês
 - b. 1 livro cada 2 meses
 - c. 1 livro em cada semestre
 - d. 1 livro por ano
5. No que se refere a empréstimos qual a proporção de livros lidos por mulheres?
 - a. 1 livro por mês
 - b. 1 livro cada 2 meses
 - c. 1 livro em cada semestre
 - d. 1 livro por ano
6. No que se refere a empréstimos qual a proporção de livros lidos por homens?
 - a. 1 livro por mês
 - b. 1 livro cada 2 meses
 - c. livro em cada semestre
 - d. livro por ano
7. A Biblioteca desenvolve ações culturais para atrair o público feminino? Se sim, que tipo de ação?